Encadernação e
Douração
CARVALHO E PEREIRA
São Paulo
Rua da Gloria, 246

Ie ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

CASSIANO RICARDO

EVANGELHO DE PAN

1917
CASA DUPRAT
R. S. BENTO, 21
S. PAULO

CASSIANO RICARDO

EVANGELHO DE PAN

S. PAULO
CASA DUPRAT — RUA S. BENTO, 21
1917

Dr. Menezes
12

Place au fourmillement éternel des cieux noirs!
Des cieux bleus, des midis, des aurores, des soirs!
Place à l'atome saint, qui brule ou qui ruisselle!
Place au rayonnement de l'âme universelle!
Un roi c'est de la guerre, un dieu c'est de la nuit.
Liberté, vie et foi, sur le dogme détruit!
Partout une lumière et partout un génie!
Amour! tout s'entendra, tout étant l'harmonie!
L'azur du ciel sera l'apaisement des loups.
Place à Tout! Je suis Pan; Jupiter! à genoux.

Le Satyre, VICTOR HUGO.

A Antonio de Drummond,
- bellissimo coração de amigo,
vivido espirito aperto ao culto das
letras - homenagem do
Cassiano Ricardo
S. Paulo, julho, 1917

Evangelho de Pan

Ao dr. Eduardo Guimarães.

Bosque sagrado

Tem a selva florida, em seu encanto, o aspécto
de um templo. A trama densa, a tunica dos ramos,
forma um zimborio no alto, o concavo de um tecto,
em que o fulgor do oriente engasta os seus recamos...

E' a cupula do bosque, ao céo erguida e ao vento,
cheia do morno effluvio em que o zephyro a esfolha,
quando o outomno, a tingir os fructos de ouro e argento,
fecunda o chão bravio e em seiva as folhas molha.

Cada tronco semelha uma columna informe,
a erguer, á luz e ao luar, á treva e ao sol, em festa,
entre ruflos, tremendo e estuando, a fronde enorme
com que Flora teceu a c'rôa da floresta...

Cáe o orvalho, a nutrir, no solo agreste, a relva,
como, em salpicos de agua, um rôr de vitreas gemmas,
e em borrifos de prata o pranto real da selva,
que o céo beija e transforma em lagrimas supremas.

O sandalo palpita, em febre, ao beijo immenso
da luz, e em febre agita as folhas, e as perfuma,
como si em chammas de ouro o sol queimasse o incenso
que da Terra creadora exalça a gloria summa.

Bem me fôra passar a vida obscura e amarga,
rezando ao templo em flôr do bosque, amplo e fecundo,
a ouvir de arvore adusta a fronde aberta e larga,
que guarda, na harpa verde, o encanto de outro mundo;

desse mundo florido, em que aos beijos e aos éstos
da seiva, o pollen géra os pomos; o Eden louro,
em que o outomno, em seu flavo escrinio, aos ventos lestos,
derrama, do jardim da lenda, os fructos de ouro...

Bem me fôra rezar, para que as minhas preces,
e o orvalho do meu pranto, ao céo pedissem gloria
á Terra genetriz, que o seio, em aureas mésses,
nos abre, — unico bem da vida transitoria...

Rezar para que o sol, ao seu fulgor de nume,
em ósculos de chamma, em pompas prodigiosas,
banhasse o valle e a rocha em ondas de perfume,
inflammando no bosque o perfume das rosas;

para que o céo vertesse essa encantada bençam,
que a alva derrama em fogo, e a cujo influxo ethéreo
os borrifos de orvalho em gemmas se condensam,
e a vida irrompe e accorda, em névoas de mysterio...

E assim, eu rezaria, ao sol, e ao luar, e ao vento,
no culto em que consagro a Natureza e a Vida;
e, no templo de Pan, o meu fugaz lamento
seria um grito humano, em cathedral florida...

E a Noite, ao ver-me assim, qual doido visionario,
no seio em flôr da selva, errando entre as encostas,
das estrellas traria o fulgido rosario,
para rezar tambem, de joelhos e mãos postas...

II

HOMEM, synthese viva, em que tudo se espelha,
sinto, dentro em meu ser, o resumo de tudo:
na alma o fogo eu transmudo em divina centelha,
num oceano de tréva as lagrimas transmudo.

O sangue, que as paixões accende e o odio estimúla,
dentro em meu coração, em que a maldade humana
blasphema, é o mesmo sangue ou fluido, que circúla
num tronco; é a seiva em flôr, que as frondes engalana.

Posto entre o céo e a Terra, invejo o aureo destino
de uma arvore voltada á luz, que o azul encerra,
pelo caule subindo a algum sonho divino,
pela raiz descendo ás entranhas da Terra...

E que são os meus ais, e o meu chôro, e o meu grito,
sinão a voz do mundo a écoar num grito humano,
sinão o éco longinquo e obscuro, em que repito
os ruidos da tormenta e as revoltas do oceano?

E estes sulcos, que o tempo abriu, sobre o meu rosto,
que outra coisa hão de ser sinão a imagem funda
dos sulcos, que o rolar dos séculos tem posto,
sobre o teu rosto negro, ó Terra moribunda?

Vim do teu amplo seio; e, no meu ser, contenho
o mysterio sem fim que ha nas tuas entranhas;
não sei que ancia de luz eu trago donde venho
que me faz procurar o azul, como as montanhas...

Tambem eu, como tu, na minha angustia incalma,
de um invisa cratéra as vivas lavas nóto,
si, ao choque das paixões em fogo, dentro da alma,
sopra, de atra psychóse, o extranho terremoto.

Si aos teus abysmos de ouro o mysterio profundo
interrogo, na sombra, em que mergulho e scismo,
perplexo, ante a belleza e a maldade do mundo,
sinto na alma um abysmo em face de outro abysmo...

E em meio á cathedral florida, o verde templo
em que celebro Pan,, de mãos postas exclamo,
no real deslumbramento em que me exilo, a exemplo
de tudo que ama a vida, amando a Terra: eu amo!

A Lenda de Pan

A Lenda de Pan

A HISTORIA do deus Pan, da Grecia antiga a lenda,
em trama de ouro tece: entre os valles sombrios
da Arcadia, ampla região, bordada de alvos rios
e de cimos azues, em uma foja horrenda,
vivia o velho fauno, homem e capro.
Ao vêl-o,
na socava, no bosque, em seu feliz recanto,
fugiam-lhe de susto, em rispido atropêlo,
transidos de terror, presos de mago encanto,
os genios da floresta: oréades, silenos,
napéas, egipans, silvanos, hamadryadas,
entravam os covis; e mysteriosos threnos
se ouviam, nos rosaes... O bailado das dryadas,
sob os ramos em flôr, de subito, parava;
o lépido valsar dos euros, sobre a lympha
das ribeiras de prata, ou sob a poeira flava
da luz, emmudecia. E assim, sem uma nympha,

sem um sylpho siquer, a selva, densa e escura,
florída e perfumada, era um deserto, quando,
saindo da cafurna, em éstos de ternura,
o deus Pan perseguia as fadas, galopando
nos atalhos do bosque... E porque tudo havia
de fugir, quando o fauno, os rios e a montanha,
as fragas e os vergeis, transpunha? E ao vir do dia,
e ao resplendor da tarde, a apparição extranha,
pelas moitas em flôr, porque vagueava, ás soltas?

Que o diga a descripção de Pan: divino e horrendo,
de homem possuia as mãos e o corpo. Em pêllo envoltas,
tinha de um animal as patas. Esplendendo,
como raios do sol, cravados sobre o craneo,
eram seus chifres de ouro. E ao divisar-lhe o vulto,
quando, acaso, deixando o fundo subterraneo,
vinha o fauno vaguear na selva, num tumulto,
nas cavas, nos desvãos, na espuma das cascatas,
em meio dos myrtaes, as náiades medrosas,
os genios da floresta, os lémures das mattas,
fugiam de terror... E o perfume das rosas
acordavam, num beijo, os zéphyros; corria,
pelos ramos do bosque, um sopro de luxuria;
e á passagem de Pan, como em sonóra furia,
toda a flora acordava.
E' que ninguem sabia,
nem os filhos da selva, ou mesmo as nymphas, que era
um deus, esse homem capro, o symbolo de tudo;
que eram seus chifres de ouro os reflexos da esphera
em que fulgem os sóes; e que o seu peito rudo,
de estrellas recamado, á luz brilhando, tinha
o vivido esplendor do céo, bordado de astros...

No emtanto, muita vez, em seu véo de rainha,
de gemmulas tecido, ao vel-o assim, de rastros,
a Noite, meiga irmã dos tristes, o envolvia;
e as nymphas, quanta vez, nos olhos do silvano,
não viram, no furor com que elle as perseguia,
a mais alta expressão do desespero humano!

Nem Syrinx, que do amor nas encantadas tramas,
feitas de ouro e de luz, de insidias e perfume,
prendêra o coração de Pan, prendendo-o ás chammas
do sonho e da loucura, em que deflagra o ciume;
nem Syrinx lhe entendeu as ancias e os desvêlos,
quando o viu, através das brenhas, quasi exhausto,
desvairando de amor, ardendo em febre e em zelos,
dar-lhe o seu coração, num férvido holocausto!

Dizia-se tambem que eram seus pés a imagem
do universo inferior: os animaes, as plantas,
a Terra. E quem o visse, indomito, selvagem,
capripede, a correr, no bosque, sobre tantas
escarpas, pelos vãos das pedras, dentre as furnas,
certo um deus o não cria. E antes o cresse. A historia
de Pithys nol-o affirma. E entre as nevoas nocturnas,
quando hoje noctambúla, olympica e marmórea,
dil-o, em silencio, a Lua, a sylphide celeste
que deixava Endymion, na thálamo, dormido,
e, altas horas, no exilio, ouvia a flauta agreste,
em que o fauno cantava o seu amor perdido...

Astros, mundos de chamma, aureo estellario, espheras
de luz, ó via-lactea! Anceios brancos, raios

de prata, ó luar divino! Auroras, primavéras,
tardes meigas de outomno, em brilhos e em desmaios
de crepusculo; névoa e sombra, invernos hirtos;
estios de ouro, ó sol fecundo! Fulvas seáras,
fructos brotando á flux, flavas magnolias, myrtos;
insectos, animaes, florestas, aguas claras;
montanhas côr do céo com cimos de turqueza,
insulas de coral no largo mar titan;
Terra florida, verde oceano! O' Natureza,
sois o excelso evangelho em que cultúo Pan!

Pan e Syrinx

(A WENCESLAU DE QUEIROZ)

O EDEN verde, o perfume e os fructos, a luxuria
das folhas e o langor das frondes, que o sol cresta;
o crebro cascatear dos rios e a lamuria
dos ventos, desfolhando os ramos da floresta...

E depois, num delirio insano, á luz purpurea,
aos effluvios do bosque, entre ruflos de festa,
a extranha apparição de Pan, de olhos em furia,
e o devaneio azul dum sylpho em cada fresta...

E o divino terror que assombra os arvoredos,
e a selva que se esfolha em lyricos enredos,
e a rude crispação que as alfombras transmuda,

quando Syrinx, em fuga, entre os ramos, se perde,
ao sol que de ouro a veste, ao vento que a desnuda,
como a edenea visão de um paraiso verde...

O Ideal de Pan

SANGRANDO as mãos, ferindo os pés, na bruta escarpa,
como um doido, através do bosque, em furia extranha,
Pan galopa, transpõe a aresta, o corpo esfarpa,
na escalada impetuosa ás cristas da montanha!

Guaie a selva, agonise a tarde, o vento carpa!
Syrinx, nympha a que o deus capripede acompanha,
as frondes agitando em rumorejos de harpa,
os verdes turbilhões floridos emmaranha...

E foge ao fauno rudo, e entra os valles e as furnas,
fria de mêdo, tal um vulto que na sombra
se engolfe, desvairando entre as névoas nocturnas,

quando Pan, num tropel precipite e brutal,
galopa, e no galope infrene os céos assombra,
como um louco divino á conquista do Ideal!

II

QUANDO, ao fim da corrida, o deus pagão procura,
olhos em febre, mãos em sangue, o vulto presto
que lhe foge, descendo os valles e a planura,
é que mais o agonia aquelle amor funesto!

Syrinx, quasi nas mãos de Pan, que a mais um gesto,
brutalmente divino, a teria segura,
num desespero hostil, desviando o corpo lesto, —
Syrinx, quasi nas mãos de Pan, se transfigura!

Transfigura-se em planta; e ao vêl-a ornando a flóra,
no anceio de expandir seu mal, o deus arcade
cortou-a e della fez uma avena sonóra.

Certo foi, quando Pan, na mysteriosa canna,
cantou o seu ideal perdido, que a saudade
começou de existir, divinamente humana...

A flauta de Pan

RUDA flauta de Pan, doce tuba sonóra;
inda hoje, sobre a Terra, o teu éco perdura,
teu gorgeio soluça e freme, como outr'ora
fremia e soluçava, á divina tortura...

Freme, no acre rumor das fanfarras da Aurora,
nas surdinas do vento, entre a floresta escura,
soluça no fragor das cascatas e chora
na voz da Natureza, em languida doçura...

Na musica do mar, no rugido profundo
das féras, no chorar noctambulo do vento,
no sonóro clamor phantastico do mundo,

em tudo o que hoje chora ou canta, ao nosso ouvido,
ha um éco universal do barbaro lamento
com que Pan celebrou o seu Ideal perdido!

Soliloquio do fauno

"Acórdo. A luz do céo, a auricrinita flamma
do sol, doura a floresta e o espaço azul recama.
Entre os verdes festões, pelos desvãos da selva,
nascem flôres que a luz, em éstos de ouro, accorda...
A orchidea, que se agarra aos tapetes de relva,
sobe ás frondes, enleia as grimpas verdes, borda
arabescos triviaes, no seio da floresta
que palpita de vida e sussurra de festa...

O azul enche-me a vista, o oriente illuminado
verte, ao fulgor do sol, o ouro pulverizado
das mais flavas manhãs, das mais fulvas auroras...
Passam, no ar, rechinando, as cigarras sonóras,
almas feitas de som, nos delirios do som,
como que procurando o seio amigo e bom
das franças que o esplendor da primavéra inflamma,
e em que o dia fulgura, em osculos de chamma...

Sáio, vou para o campo, em busca do rebanho
que os incendios do sol despertam, e acompanho
o bando branco das ovelhas fugitivas...
Enlevam-me a visão todas as coisas vivas,
desde uma ave que chilra e que tatala as plumas,
até o gado feliz que muge, dentre as brumas...

E assim, durante o dia, eu procuro e visito
os mais longes vergeis, os rios mais azues,
os lagos côr do céo, o mysterio infinito
dos cysnes auguraes e das garças tafues.
E quando a Noite vem, em quérulo murmurio,
a minh'alma descança em seus fundos refolhos,
e através dos desvãos do meu pobre tugurio
são as estrellas de ouro o encanto dos meus olhos..."

A visita de Selene

ALTA noite, um reflexo azul, ás tontas,
como o anceio de um luar, frio e funereo,
vem do orvalho inflammar as alvas contas,
pela paizagem de outomnal mysterio,
e uma phosphorescencia leve acorda,
num halo celestial de luz, nos ramos;
e esse fogo, a escorrer na selva, borda
o templo verde, em seus azues recamos...

Brilham, por todo o bosque, aureas scintillas,
num incendio fugaz, dentro da sombra;
e, em chispas de ouro, as arvores tranquillas
sonham, no encantamento que as assombra:
são aladas fagulhas que vêm pelas
moitas, e vão valsando, pelos campos,
como uma chuva rutila de estrellas,
de tremulinas e de pyrilampos.

Selene desce do alto, e á luz desnuda
os seios virginaes e os olhos gazeos,
e arde, sonhando, toda a selva ruda,
e a Terra accende o incendio dos topazios:
em mago encanto, sobre o sólo agreste,
faiscam esmeraldas lacrimosas,
e em tênue claridade azul-celeste
lacrimejam saphyras luminosas...

E a sylphide noctambula, na selva,
como de luar vestida, em pompas de ouro,
desce á planura, baila sobre a relva,
ao sussurro dos zephyros em côro.
E ao tibio fogo trêmulo que valsa,
na procissão nocturna dos lampyrios,
o seu vulto de neve se realça
num turbilhão de rosas e de lirios...

Pan abre os olhos, cheios de luxuria,
e mal os olhos abre, doidamente,
as mãos crispadas, galopando em furia,
todo se inflamma em desespero ardente.
Irrompe o effluvio morno das magnolias,
e, em nevroses de sandalo, a floresta,
tem um surdo rumor de harpas eóleas,
dedilhadas num fremito de festa...

Tudo acordou. As folhas crespas bolem,
e rufla o vento, e cáe o orvalho, e canta
o bosque, germinando a seiva e o pollen,
no perfume que as arvores encanta.

Foge Selene, errando aos tenues raios
da luz, nervosamente fria; e nua,
num sonho todo feito de desmaios,
desapparece, num clarão de lua...

E o deus pagão, com os olhos tontos, corre
pelos socalcos, entra pelas furnas,
e aos influxos do luar que do alto escorre,
arde em crueis apparições nocturnas.
Cáe, sobre a relva, um bando louro e acceso
de pyrilampos e de tremulinas,
e o bosque phosphoreia e brilha, preso
de uma chuva de gêmmulas divinas...

E quando o Dia volta, todo em chammas,
ás desgrenhadas arvores torcidas,
ha um enredo de amor nas verdes tramas
e a selva sonha em bacchanaes floridas...

Bacchanal

EBRIO, ás tontas, exhausto, ao léo dos seus tropeços,
vagueia o deus arcade, enrosca-se na trama
das orchideas hostis e dos festões espessos,
donde o effluvio se agita aos beijos que derrama...
Bailam, zigue-zagueando, os insectos travessos,
sob as fraguas de um sol desfeito em ignea chamma,
e ao nôto, que sussurra em doidos arremessos,
toda a matta profunda, aberta em flôr, se inflamma.

Quando Pan apparece, assim tonto e errabundo,
urzes sangram-lhe as mãos, flagelam-no os espinhos,
cardos ferem-lhe os pés, e irrita-se, no fundo
das frondes, o rumor bucólico dos ninhos...

As cigarras, ao sol, cheias de susto, em bando,
na orgia tropical de uma festa sonóra,
zumbem, rispidamente, e agitam-se, voejando,
como si as acordasse a irradiação da Aurora...
A' harmonia impetuosa os leques desfraldando,
em loucuras de som, toda a selva se enflora,
e as cimas colorindo, e as moitas escaldando,
transborda o prateo orvalho em éstos de plethora...

Quando o deus rudo esfólha as amphoras de aroma,
para beber o pranto irial das madrugadas,
em cada flôr medrosa um sylpho azul assoma,
trazendo o effluvio hostil das pet'las melindradas...

Em celebrando, á luz, do fulvo estio a volta,
afla um ruido de festa, em cada sébe escura,
e o orgiaco festim dos faunos em revolta
á luxuria pagã das frondes se mistura.
Estúa a bacchanal de sandalos, de envolta
com os deliquios da sésta, em ancias de ternura;
e, aos beijos de aurea flamma, a flava Céres solta
uma torrente real de gemmas, pela altura...

E aquella embriaguez augmenta, a cada instante,
ao aroma sensual que o zephyro sacode,
e em filtros de luxuria escorre a seiva estuante,
a selva transformando em aromal pagode...

No esplendor do verão, todo o espaço corusca
e inflamma o bosque e a Terra, em rutilas torrentes;
brande o céo dardos de ouro, o sol a alfombra offusca,
jorrando, sobre a relva, em commoções ardentes.

E á passagem de Pan, em sonóro atropêlo,
nymphas de grenha flava e olhos azues de ciume
seguem-no, pela selva, e voltam rindo, ao vêl-o
naquella embriaguez de orvalho e de perfume...

O baile das Dryadas

Ao resplendor do outomno, arfa a enorme floresta,
tinta de jalde a grimpa, exhausta a longa espalda,
e ao tépido langôr das folhas que o sol cresta,
de hirta palmeira ao vento as flammulas desfralda...

Todo o cortejo real das dryadas se apresta,
galopando através dos bosques de esmeralda,
aos gorgeios sem par das avenas em festa,
aos deliquios da luz que os pincaros escalda...

Nesta hora assistireis, entre as arvores mudas,
ao bailado pagão de alvas nymphas desnudas,
si nesta hora as regiões da selva percorrerdes:

crispam-se, de volupia, os galhos retorcidos,
e olham a dança extranha os faunos de olhos verdes,
occultos por detraz dos cômoros floridos...

Miserére

Em incendios de côr, o sol bravio cresta
as arvores, tingindo as cimas de ouro-jalde,
e acorda o seio em flôr da viride floresta,
para que o vento o oscúle e o estio em fogo o escalde.

Debalde o rio orvalha os saibros nús, debalde
uma cigarra louca expira, á luz funesta;
até que a Noite chegue e a tunica desfralde,
andam os faunos a fugir, de fresta em fresta...

E quando o céo desvenda a argentea maravilha
dos astros, quando o luar funereamente brilha
e desce da montanha ás ingremes encostas,

sob o vento que geme ou cantos reaes desfére,
o rumor da floresta é um fundo miserére
de vultos espectraes que rezam de mãos postas...

Symphonia selvagem

ERRANDO, pela selva a dentro, Pan carpia,
aos módulos da flauta, a saudade profunda
de Syrinx, e acordava, em pompas de harmonia,
cheia de éstos de sol, a Terra moribunda!

Era a resurreição da Natureza! A selva
e a rocha, o rio e o mar, os valles e as montanhas,
o trigo louro e a seára, a alfombra verde e a relva,
despertaram ao som de virações extranhas...

Tudo, dentro de um canto, á vida e ao sol, vibrava.
Floria a primavéra, e assim florida, em gloria,
com o pollen do aureo escrinio, á luz fecunda e flava,
cobria de luxuria e seiva a Terra ingloria...

Cada fronde, ao seu beijo e ao seu effluvio, uma harpa,
em vibrações, tangia; e essa harpa eólea, em festa,
jorrando aroma e som, por sobre o cerro e a escarpa,
derramava o perfume e o canto da floresta...

Ruidos de aza, uma orchestra immensa, dentre o fausto,
com que a orchidea esfolhava o seu collar taful;
longas ancias de voar, ou do amplo vôo exhausto
de aguia real que caiu, na embriaguez do Azul...

Zumbidos, sons de festa, ancias e trillos, éstos
e sustos, pulsações de febre, crébros hymnos,
chilros e uivos, vozear de sylphos, ruflos léstos,
numa orchestra brutal de fremitos divinos;

o soturno guaiar das frondes, e o lamento
de alvos rios, a uivar em quedas de cascata,
como que a espadanar, em furia, ao sol e ao vento,
o almo pranto do bosque, em flóculos de prata;

todo esse canto enorme, esse gorgeio arcano,
que dentro do amplo seio a selva immensa espraia,
irrompia, empolgando os valles, como o oceano
que espuma e se desfaz em canticos, na praia...

E essa orchestra sem par, de barbaros accentos,
— surdos cantos da flora e uivos da fauna em côro —
enchia de um rumor profundo a Terra e os ventos,
como um ruido do céo vibrando em harpas de ouro...

II

PAN tocava, de novo, a flauta; e novas nenias
se ouviam, e outros sons divinos, e outros cantos;
nymphas de grenha loura e dryadas edeneas,
entre afflatos de festa, ao som de trompas eneas,
rythmavam de um bailado os cérulos encantos;
e, olhos accesos, como extranhas maravilhas,
pupillas a chispar como pedras preciosas,
phosphorescendo á luz, num punhado de estilhas,
fluctuavam no florido enleio das mantilhas,
num aureo turbilhão phantastico de rosas...

Náiades brancas, sobre os rios caudalosos,
abriam, aos frouxeis da lympha, os olhos gazeos:
vinham libellulando, em circulos graciosos,
os cabellos cobrir de lucidos topazios;
com o veu fulvo desfeito em tenues tremulinas,
traziam, no voltear das clamydes ondeantes,
o limpido rumor das aguas cristalinas
e o effluvio tropical dos sandalos estuantes...

III

Insectos de ouro, á luz meridea, num torneio
estrídulo, volteando em torno, azas vibrando,
vinham ouvir, de perto, o tremulo gorgeio
da flauta; e assim vibrando, e assim volteando,
num bailado fugaz, em mysteriosos hymnos,
voltavam, pela selva a dentro, como um bando
de azas tontas, ao som de quérulos violinos...

E ante as suaves canções da avena lamuriosa,
feras bravias, entre as arvores tranquillas,
vinham dos seus covis esconsos; para ouvil-as,
soffreavam, de repente, a corrida impetuosa,
relampagueando o vitreo incendio das pupillas...

Fontes e rios

(A JULIO RUAS)

Mal o occiduo clarão annunciou o sol-pôsto,
toda a Arcadia acordou, num profundo lamento!
Pan carpia, banhando em lagrimas o rosto,
e era um rumor de chôro o mysterio do vento...

E' que o deus infeliz, depois de haver transposto
mil fragosas regiões, sem tregua de um momento,
viu morrer seu ideal e pranteou de desgosto,
como vencido heróe de algum drama nevoento...

O seu pranto escorreu, no perfume selvagem;
e ao de novo irromper a canícula accesa,
fez-se um templo florido a funérea paizagem.

E uma lagrima verde, entre os bosques sombrios,
levando a dôr de Pan por toda a Natureza,
era a resurreição das fontes e dos rios...

Thamo

THAMO era um pobre pescador de pérolas.
Todos os dias, vélas á luz de ouro,
sulcando o abysmo azul das ondas quérulas,
ia em busca de um cérulo thesouro...

E entre syrtes brutaes e verdes ilhas,
a nau veleira abria os pannos brancos,
— ave exul, num paiz de maravilhas,
do mar bravio sobre os glaucos flancos.

Todos os dias, nas longinquas plagas,
em que as procellas impetuosas rugem,
cantava uma sereia, ao léo das vagas,
nos turbilhões revoltos da salsugem...

E esse canto annunciava, entre os escolhos,
uma região de gloria e de belleza,
e do nauta acordava aos tristes olhos
fugitivas imagens de riqueza...

Conchas preciosas de argentadas valvas,
pérolas raras, soltas dentro dellas,
como em escrinio real de contas alvas,
indemnes ao negrume das procellas;

algas e asterias sob o mar profundo,
um mundo de coraes, dentro do oceano,
e as maravilhas todas desse mundo
escondidas á luz do olhar humano!

Sobre o pelago azul, todos os dias,
agitando, ao fragor das ondas querulas,
numa prece de louco, as mãos vasias,
Thamo era um pobre pescador de pérolas...

Pan morreu!

NUMA tarde oriental, á claridade flava
do poente, a nave, entregue ao vento, de onda em onda,
partiu. O mar Egeu, bravio e crespo, inflava
e sacudia, á espalda azul, a véla cava,
flammula tremulando, enfunada e redonda...

Certo um thesouro longe, em mysteriosas landas,
na longinqua visão dourada de outros mundos,
fez com que o velho Thamo, abrindo as vélas pandas,
deixasse a terra verde, orlada de guirlandas,
inda quentes do sol nos éstos moribundos...

Mas, em meio do oceano irado, o euro bravio
parou. A tarde extincta, entre as longes ilhotas,
derramava a saudade azul do occaso frio,
esfumando, na sombra, as paizagens remotas...

Morrendo e bruxoleando, a luz de dúbios raios
esfolhava, no céo, seu último recamo,
no ensombramento gris dos occiduos desmaios,
quando uma voz se ouviu, á procura de Thamo!

Thamo! e o marujo audaz, como que por encanto
preso daquella voz que vem, não sabe de onde,
e tomado de assombro, e livido de espanto,
presta o ouvido, interroga os nautas e responde.

Houve o encanto brutal de um divino traspasse!
Todo o espaço accordou, num barbaro gemido,
e alguem, que se não viu, lhe disse que annunciasse,
ás regiões do alto mar, que Pan tinha morrido!

II

Um grito de terror foi de onda em onda ouvido;
e, de onda em onda, a nau abriu, de novo, as vélas,
e os nautas, num tumulto, ao clamor do alarido,
como si os surprehendesse um bramir de procellas,
partiram para o largo oceano enfurecido...

E o salso flanco erguendo, e agitando as espaldas,
o mar, numa lamuria impetuosa e violenta,
levando conchas de ouro, e uivando ás verdes faldas
do archipélago, hauria as furias da tormenta,
num glauco turbilhão florído de esmeraldas!

Quando, depois, a nave, ao influxo iracundo
da maré, na revolta immensa, sobre os flancos
do abysmo, em redomoinho, alteava os pannos brancos,
correu, por todo o espaço, um lamento profundo...

"O grande Pan morreu!" E esse grito de morte,
o oceano revoltando em psalmos de tristeza,
reboou de plaga em plaga, andou de sul a norte,
como um rumor de prece enchendo a Natureza...

"O deus da Arcadia é morto!" Em ancias de agonia,
a maruja clamava, ao léo das vagas cérulas,
e o largo oceano, inflado, á procella bravia,
deixava, na alva praia, o seu pranto de pérolas...

Thamo a tudo annunciava o horrendo cataclismo;
e o seu augurio extranho, ao marulho das vagas,
de éco em éco, acordou, ao vento, o verde abysmo,
no equóreo turbilhão dos coraes e das fragas...

E assim, como quem esma a gloria de um destino,
de praia em praia andou, correu de porto em porto,
e aos mundos annunciou, no seu clamor divino:
O grande Pan morreu! O deus da Arcadia é morto!

III

(A ANDRÉ CARRAZZONI)

DIZEM que, quando Pan morreu, o céo profundo
desabou, sobre a Terra, em naufragios de sombra,
e, ao grito de agonia, estremeceu o mundo
e um funebre rumor se ouviu em cada alfombra...

E' que a morte de um deus o espaço e a Terra assombra,
como o espasmo de um sol, desfeito e moribundo,
tinge de sangue o poente e de saudade ensombra
os pincaros azues e os pélagos sem fundo!

Não sei que maior gloria entresonho e presinto:
si a Terra, cheia de ais, chorando um deus extincto,
extravasando a dôr que dentro em si não caiba,

ou si o olvido de quem, no mais fundo desterro,
em cada sonho morto assiste ao proprio enterro,
na gloria de morrer sem que ninguem o saiba...

TERRA

O dieux! l'arbre est sacré, l'animal est sacré,
L'homme est sacré; respect á la terre profonde!
Le Satyre, VICTOR HUGO.

... fulvas seáras,
fructos brotando á flux, flavas magnolias, myrtos;
insectos, animaes, florestas, aguas claras;
montanhas côr do céo com cimos de turqueza,
insulas de coral no largo mar titan;
Terra florida!

I

CREIO em ti, mãe commum dos sêres, Terra de ouro!
sinto, dentro em meu ser, dos teus flancos oriundo,
todos os bens que esconde o teu vivo thesouro,
todas as maldições em que se engolfa o mundo...

Homem, chóro com o vento, e os écos do meu chôro,
são os mesmos que eu ouço em teu ruido profundo;
e esta chamma vital, com que os meus dias douro,
é a mesma que se estrúe em lavas, no teu fundo!

Creio que hei-de ser poeira, em teus sulcos sombrios;
por isso, ando vertendo, em tributos de pranto,
o pranto que eu bebi no orvalho dos teus rios;

por isso, ando a orvalhar, com lagrimas, teus fóssos,
como que procurando o piedoso recanto,
que ha-de guardar um dia a cinza dos meus óssos...

II

(A OCTAVIO DE ALENCASTRE)

É um véo branco de noiva a névoa que lhe venda
o rosto. Quem dirá que a Terra tambem ama?
Certo alguem ha-de haver que lhe sonde e comprehenda
do atlanteo coração o millenario drama...

Desde o cahos envolvida em mysterios de lenda!
Ao vir da primavéra, os seios nús recama,
para que o seu effluvio á luz do céo ascenda,
sob os beijos que o sol lyricamente inflamma...

Recende, no perfume, a luxuria selvagem;
passa o vento, cantando um meigo epithalamio,
nas citharas em flôr da viride folhagem.

E toda a Terra, ardendo e amando, em éstos brutos,
bebe os beijos do sol, nos enleios do flammeo,
numa germinação de flôres e de fructos...

Oasis verde

(A FRANCISCO DE SOUZA CARVALHO)

Ha um longinquo paiz que ás vezes visitamos;
extasia-se o olhar que os recantos lhe sonde,
entre o suave frescor dos seus verdes recamos
e a luxuria pagã que envolve cada fronde...

Essa é a patria encantada e longe, que sonhamos
entre a poeira fugaz da lenda azul que a esconde;
oasis que nos extende a sombra dos seus ramos
e ao grito do viandante estremece e responde...

Vós, que andaes a sonhar, pela existencia em fóra,
esquecei, no passado, as illusões sepultas,
ide á verde vivenda em que a Esperança móra.

Ide, mas não proveis dos fructos que colherdes,
nesse reino feliz de esmeraldas occultas,
nesse bosque outomnal, cheio de fructos verdes...

Eólo

Veio o frio, chegou o inverno, hispido e rude,
com o seu manto glacial, feito de néve e arminho;
domina, tristemente, uma extranha quietude,
não se ouvindo siquer a música de um ninho...

Eólo anda a cantar, ao seu tibio alaúde,
emquanto a névoa envolve as orlas do caminho;
e, com os flócos hyemaes, ás vezes, nos illude,
semelhando, a tremer, um nomade velhinho.

No emtanto, quando a Noite, em mysterioso augurio,
abre as azas de treva e desce do ar vasio,
alguem vem visitar o meu pobre tugurio...

E' o vento que perturba a sombra fria e morta,
trauteando uma canção, como um bardo vadio
que assobiasse e que risse entre as fendas da porta...

A montanha

No alto, pompeando os cimos de esmeralda,
como que a contrastar o céo que a cinge,
a montanha inda ostenta a verde espalda,
no seu segredo tragico de esphinge;
inda a fronte o sol de ouro lhe corôa,
sobre ella derramando a luz fecunda,
quando da néve limpida esborôa
a grinalda que os cerros lhe circumda...

Quantas vezes, em uivos de procella,
a blasphemia celeste, á luz dos raios,
não lhe esfolhou a viride capella,
não lh'a envolveu em funebres desmaios;
quando o pincaro glauco da montanha,
no anceio de exprimir a dôr do mundo,
rezava ao vento a sua prece extranha,
que o vento erguia para o céo profundo...

Cravando-lhe douradas settas rudas,
de relampagos fulvos, sobre o dorso,
sobre as cumiadas broncas e desnudas,
sobre a nudez do seu perfil contorso,
quantas vezes, em furia, a ventania,
a corôa florida lhe arrancava
e do seu rosto os sulcos descobria,
aos beijos frios da tormenta brava...

Porque havia de o céo feril-a do alto,
em arremessos bruscos, contra a Terra,
dentre as sombrias nuvens de cobalto,
escalavrando-a, em impetos de guerra,
até que a Noite, lacrimosa, escura,
— monja funérea, a caminhar, de rastros, —
crendo-a morta talvez, viesse da altura
extender-lhe a mortalha, cheia de astros...

E quanta vez, — no lucto que lhe as cristas
envolvia depois, — gottas radiantes,
rubins sangrentos, vivas amethistas,
louros topazios, rutilos diamantes,
chrysoprasos em fogo, chispas de ouro,
e borrifos de luar, e ethereos lumes,
lhe derramava, em vivido thesouro,
o tonto phosphorear dos vagalumes...

Hoje, negra e arquejante, ruda a encosta,
erguendo a face, aos beijos da procella,
ao vento, ao luar, á chuva, a tudo exposta,
pouco lhe importa o espaço que se estrélla;

nem mais o sol, em claro incendio, os flancos
e os cimos lhe recama, nem o vento
desfólha mais da neve os flocos brancos,
nem lhe mais ouve o quérulo lamento...

Mas, do socalco verde, que a circumda,
d'onde nunca escorrêra um veio d'agua,
como o pranto da Terra moribunda,
como das pedras a funerea mágua,
hoje, de um veio cristallino, escorre
e em borrifos de rócio as faldas banha,
como a orvalhar todo o vergel que morre,
a lagrima suprema da montanha...

E alli, vem o viandante, quasi morto,
sob as ascuas do sol, em tarde estiva,
beber o pranto limpido... E um conforto,
e um allivio, e uma lagrima furtiva,
tem o triste zagal, na verde gruta,
quando, exhausto de sêde, a sêde mata,
e scisma, e sonha, e devaneia, e escuta
o sussurro das lagrimas de prata...

E ha quem sonhe que alli, nos beijos brancos
com que a espuma, argentando a areia, brilha,
e se encrespa, roçando em petreos flancos,
e a rocha, e os saibros áridos, rendilha;
ha quem sonhe que alli, cantando em côro,
vêm, num bailado ethéreo, á luz da lua,
flavas nereidas, e um cortejo louro,
na alva corrente tremula, fluctúa...

E quando vem a tarde, andam pastoras,
em cantaros colhendo a lympha rara,
e então, junto da fonte, scismadoras,
cheias de encanto, olhando na agua clara,
fitam os olhos, quêdam-se no enlevo
de vêr seus olhos nella reflectidos,
de vêr a propria imagem, no relevo
de cristal dos remansos esquecidos.

Hoje a montanha, erguendo a ruda espalda,
como que a contrastar o céo que a cinge,
levanta ainda os cimos de esmeralda
no seu segredo tragico de esphinge;
e o seu vulto de Atlante, entre os escombros,
enfara-se de azul, bebe as procellas,
como si lhe pesasse, sobre os hombros,
a mysteriosa abobada de estrellas...

Esmeralda

Seu reino era um recanto obscuro, junto á falda
da montanha. Esqueceu-a a Terra, em verde escrinio;
e ahi, por muito tempo, em seu berço, a esmeralda,
quasi occulta, passou seu rútilo dominio...

No anceio de reunil-a á gloria que a engrinalda,
expôl-a a natureza, ao sol; foi o declinio
de um reino! e a faiscar, do cerro sobre a espalda,
tornou-a inda mais viva o esplendor apolineo...

E foi seu holocausto um dia o orgulho humano:
— quem sabe si a esmeralda excelsa hoje irradia
no diadema oriental de um principe tyranno?

Mas, fulgir entre o fausto, em c'rôa real, que importa?
depois que ella perdeu o reino em que fulgia,
ha em seu espéctro verde uma esperança morta...

O Rio

BROTA de humida gruta um fio de alva prata,
que de uma orbita cava, enormemente escura,
vem brilhar, ante o sol; é a Terra que o desata,
sobre os sulcos do rosto, e em pranto transfigura
a dôr de ser eterna! E a lagrima, orvalhando
os algares, beijando as rochas, corre, brilha,
treme, pelos desvãos da foja; e á luz, bordando
o alvo leito de areia, um corrego rendilha,
com flóculos de espuma, as faldas da montanha;
e sussurra, e borbulha, e freme; é a lympha clara
de um regato, que aljofra as moitas e que banha
os valles... Já não treme apenas, já não pára,
pelas pedras, volteando, ás tontas. Desce, ás soltas,
palpita, rasga o bosque, orvalha a terra: é o rio
que da névoa sacóde as clamydes revôltas,
como serpe, a collear, pelo sertão bravio!

Encrespa o dorso escameo, á viração que o afaga,
levando, do amplo bosque, as verdes palmas: canta,
crispa-se, em atropêlo, espraia a espuma, alaga
as margens, engrinalda as pedras, na garganta
dos abysmos... A selva, ás doces brisas trêmulas,
desfolha os ramos do alto, em fremitos de festa,
e de flôres recama, e cobre de aureas gemmulas,
á passagem do rio, as suas aguas... Cresta,
com os seus beijos de fogo, o sol as frondes; curva,
em arcadas de flôr, o bosque os verdes ramos,
para que o rio role os combros de agua turva,
sob um arco triumphal de virides recamos...

E inda, ás vezes, ao luar, de novo, o rio acorda
a illusão de que a Terra, ás orbitas das grutas,
chora, copiosamente, e com o seu pranto borda,
como de um risco branco, o seio ás selvas brutas;
e a tetrica amplidão das noites ermas frisa,
e a reflectir o céo, reflecte os astros; pelas
curvas, pelos grotões, pelos vergeis deslisa,
sobre a terra espelhando o crivo das estrellas...

Mas, de repente, o dorso espumeo em ondas leva.
Ruge! quem o revolta? e é um leão, a verde grenha,
em borbotões de aljôfre, a sacudir, na treva
de uma escarpa bravia! é um leão que se despenha,
mosqueado de esmeralda e prata, entre os barrancos
e os abysmos de pedra: é o rio que desata,
em gloria, a côma glauca, e a esfolha, em flocos brancos,
rolando, num clangor selvagem de cascata...

Na quéda desvairada, as aguas fervem, lividas;
catadupa de néve! e ao negro pégo, ás roncas,
precipitam-se; á luz do sol, torrentes vividas,
perolados cachões de espuma, as fragas broncas
rendilham, desfazendo, em alvas pedrarias,
a revôlta caudal das ondas crespas... Brama,
em écos, na amplidão, nas longes penedias,
a voz do rio, em furia! é o canto que derrama,
selvagem e profundo, a catarata infrene,
atirando, lá em baixo, as aguas alvi-cérulas,
na barbara afflicção do seu rugir perenne,
na apotheóse brutal de se cobrir de pérolas...

Mas, o rio não morre! Antes, a queda o aviva;
e, de novo, procura, entre os juncaes, seu rumo.
Beija-o, chorosamente, a luz da tarde estiva,
ou cáe, sobre elle, a treva, em espiraes de fumo...
E a doce calma azul das noites claras frisa,
e a reflectir o céo, reflecte os astros; pelas
curvas, pelos grotões, pelos vergeis deslisa,
sobre a terra espelhando o crivo das estrellas...

Lagôa morta

NEGRA lagôa morta, eu sei a tua historia:
desde que o ultimo cysne ao céo ergueu seu canto,
não mais, em teu espelho, então azul, em gloria,
o luar se enamorou, á luz do proprio encanto...

Antes, de plumbeo inverno a sombra transitoria,
em noites de saudade e lucto, chorou tanto,
que aos poucos te anuviou de névoa a margem flórea,
na immota estagnação funérea do seu pranto.

Hoje, quando se estrélla a noite, a noite escura
do teu seio tambem se estrélla; e então acordas,
de novo, reflectindo a luz, que vem da altura.

E ao léo de azul insomnia, a um cantochão de maguas,
coaxam funéreamente as rãs nas tuas bordas,
na illusão de estar vendo um céo dentro das aguas...

A gruta

Nessa gruta, em que o sol, de leve ao menos, nunca
foi ter, de luz coroando a treva, alguem sonhára
que um thesouro existiu. Inda hoje as faldas junca,
da montanha que a esconde, a trama verde-clara
das orchideas em flôr; inda hoje, em torno, véla
o mysterio da furna, a mesma escarpa bruta
que em vão tentou ferir o fogo da procella,
quando o raio clareou a escuridão que a enluta.

Tentou, em vão, sondal-a, o olhar humano. A lenda
dos filhos da floresta alli creou abysmos,
e em meio a negridão, naquella treva horrenda,
capaz de lhes trahir bravuras e heroismos,
sonhou que, ao vir da Noite, estilhas de esmeralda,
saphiras côr do céo, rubins feitos de chamma,
á ampla entrada da fója, e em meio a pétrea falda,
chispavam como em fogo um veio que se inflamma...

E gênios de outro mundo, e sylphos encantados,
nymphas de olhos azues, em noites mysteriosas,
quando o luar envolvia os rios argentados,
ou a esphera celeste era um jardim de rosas,
vinham alli sonhar, na maravilha accesa
que na sombra fulgia, e em meio á sombra, em ouro,
em onyx, em opala, em pérola, em turqueza,
marchetavam da treva o negro sumidouro...

E quanta vez alli sonhando a gloria e o fausto,
como quem sonha um reino, um céo de maravilhas,
um thesouro encontrar, não veio, quasi exhausto,
como um vencido heróe de lendas e guerrilhas,
o errabundo viajor das mattas invias; quando,
doida illusão! transpunha a custo a selva escura,
para prantear alli, de aureo sonho acordando,
a ambição que o levou á propria sepultura!

Verde guerreira audaz, viu a montanha, em gloria,
mil vezes, colorir-se o oriente; viu procellas
passarem, através dos tempos sem memória;
e coroada de luz, com a grimpa entre as estrellas,
viu mil vezes morrer o sol! E inda hoje, a fronte,
como a sorver o azul, levanta, ao céo em chammas,
e de ouro inda engalana os cimos no horizonte,
das palmeiras erguendo as glaucas auriflammas...

E a gruta, que do luar, em noite alguma, os brilhos
vislumbrou; que do sol, em dia algum, de leve
ao menos lhe entreviu os raios; que os rastilhos
de uma estrella siquer não viu, por entre a néve,

como um reflexo louro; a gruta, no entretanto,
nas entranhas da Terra, á sombra sem limites,
a mortalha que a enluta, em estrellado manto
transforma quando á flux derrama estalactites...

E em sua treva morta, ao vir do dia, o vento
vem cantar, como canta, ao vir da Noite, na harpa
de uma alfombra, beijando as folhas; e um lamento,
pelos tétros desvãos, nos anfractos da escarpa,
quanta vez vem carpir, da gruta no amplo seio,
quando, a voar e a chirriar, em face á pétrea porta,
como uma aza macabra em célere volteio,
um chiroptero insomne a sombra negra corta...

Mas, porque alli creou, em mythos de ouro, a crença
dos filhos da floresta, um reino occulto? Acaso,
um dia, algum viandante, olhando a treva densa
que alli sempre se faz, depois que a luz do occaso
bruxoleia e se esvae, de irreal escrinio as gemmas
conseguiu entrevêr? Que foragidas fadas
esfolharam alli seus rutilos diademas,
no enluarado esplendor das noites constelladas?

E' que ao morrer do Dia, ao portico da furna,
como exul multidão de aureos reflexos vivos,
gottas fulvas de sol, na escuridão nocturna,
vagalumes da selva, inquietos e furtivos,
vertiam-nas, na sombra; e estilhas de esmeralda,
saphiras côr do céo, rubins feitos de chamma,
á ampla entrada da foja, em meio a petrea falda,
chispavam como em fogo um veio que se inflamma...

E muita vez bordava os vãos da arcada agreste,
ao silencio da lua, ao léo da aura erradia,
como uma estria azul da irradiação celeste,
a alma em fogo talvez que um lémure accendia;
e errava, a phosphorear, pela humidez dos fóssos,
como saphira accesa, o lacrimoso lume,
como num cemiterio a fatua luz dos óssos,
pontuando da socava o barbaro negrume...

E outras vezes, da fója, em noite negra, um vulto
sahia, a contemplar o céo; e assim, de rastros,
á porta da cafurna, entre os desvãos, occulto
e immovel, num terror divino, olhava os astros:
era um tigre feroz que alli, da gruta eterna
vinha, tal a visão do negro sumidouro,
como que constellar a noite da caverna,
derramando, na treva, a luz dos olhos de ouro...

Oréade

A alva oréade dorme, em seu leito de plumas,
sob o effluvio outomnal das alfombras cheirosas,
e o seu corpo de neve é ondulado de espumas,
quando lh'o envolve o luar em caricias medrosas...

Mas, si um raio de sol o mystério das brumas
espanca, outra é a illusão: com as tranças luminosas,
acorda a nympha, ao sol, vestida de ouro algumas
vezes, e outras vestida ou coroada de rosas...

Não sei, ó selva real de platanos! montanha
de esmeraldas! não sei si outras coisas mais bellas,
existem, dentro em vós; nem sei, visão extranha,

como a oréade vêr, sob as frondes cheirosas:
si vestida de luar e coroada de estrellas,
si vestida de sol e coroada de rosas...

... eram seus pés a imagem
do universo inferior: os animaes, as plantas,
a Terra.

(Lenda de Pan)

A João Pedreira Duprat

Arvore

A uma semente obscura, a um granulo dourado,
que o vento na aza trouxe em trêmulos adejos,
a Terra verde abriu o escrinio perfumado,
em que guarda do orvalho as lagrimas e os beijos...

E em seu seio, que o sol fecunda e o effluvio escalda,
cheio de humus e seiva, á luz da vida, um dia,
abrindo, anciosamente, as folhas de esmeralda,
a vergontea flexil de uma arvore nascia...

Toda a gloria da Terra, em suas gemmas, como
sob a luz a tecer extranha auréola, vinha;
e assim, erguendo, em festa, a fronde, ao verde assomo
do caule, ella alcançou o azul; fez-se rainha!

Hoje, num régio throno, em meio ao bosque, impéra.
Póde o vento cingil-a e os brilhos e os desmaios
da tormenta açoital-a; o outomno e a primavéra
fazem-na a fronte erguer á colera dos raios...

No seu diadema heril, a riqueza da Terra,
essa arvore hoje a expõe e a ostenta, sobre os ramos,
desde que, ao fogo da alva, o seu perfil descerra,
em aureo encantamento, a c'rôa de recamos.

Desde que, ao sol crinaureo, o seu collar de orchideas
treme, faiscando em ouro e em flavas lantejoilas,
ella, aberta do espaço ás explosões merideas,
queima o seu morno incenso em virides caçoilas...

E os brilhantes de orvalho, e as lacrimosas gottas
que a luz, nos seus desvãos, em gemmulas transmuda,
começam de escorrer, dentre as clamydes rotas
com que a néve lhe envolve a cupula desnuda.

E os borrifos de aljofre, e o asperges de alva prata
que o luar, vindo do azul, beijando á selva os myrtos,
nessas noites de inverno, em lagrimas, desata,
são a bençam do céo sobre os seus braços hirtos!

E quando, ao vir do outomno, as folhas crespas bolem,
ao sol, que o ouro lethal esváe, no céo profundo,
extranha archimagia! o ouro nutriz do pollen,
ella, á flux, o desfaz, no bosque moribundo...

Terra verde! alimenta a essa arvore florida,
dá-lhe seiva e perfume! e ao vento, e á luz funesta,
ella ha-de sacudir, em commoções de vida,
a auriflamma triumphal da primavéra, em festa...

Ha-de ao certo ostentar, na altiva pompa, o anceio
de florir, de triumphar, de erguer os ramos brutos,
ostentando o esplendor de vida que em teu seio
lhe deu vigor ao caule e a recamou de fructos.

E os teus dons, e os teus bens, e os teus encantos, tudo;
e tudo o que em teu seio é amôr, é vida, é essencia,
ella ha-de expôr ao sol, nas folhas de velludo,
na ancia de celebrar a gloria da existencia.

E o teu gorgeio, e o teu lamento, arias e cantos
que o pétreo coração das montanhas esconde,
nas furnas, nos covis, em todos os recantos,
certo ella os verterá nas cítharas da fronde...

E o céo ha-de os ouvir, ouvindo as vozes que ella,
ao sol e ao vento, á luz e á noite, ao luar e á sombra,
derramar, quando uma aura ou sopro de procella
beijar ou sacudir a grimpa em flôr que a ensombra!

E cada vez que o céo, como em divina bençam,
ouvir, da arvore, no alto, a invocação profunda,
ha-de tambem ouvir as ancias que se adensam
dentro em teu coração de mãe, Terra fecunda!

Edelweis

(AO DR. CESAR NETTO)

DESPONTA a flôr do gelo em flóculos de pranto,
como si o céo sem luz, que o pólo circumscreve,
em pétalas, o luar abrisse, por encanto,
sobre a cumiada hostil das montanhas de neve...

Que aventura galante um dia a obter se atreve
a gemma de alvo escrinio? e quem se atreve a tanto,
que a esperança feliz de tel-a ás mãos não leve,
que não volte do inverno ao rispido quebranto?

Assim vive a edelweis, sobre a cuspide acclive,
como o ideal que a florir perpetuamente vive,
no tortuoso alcantil cuja escalada tento:

abre as folhas de luar, do gelo sobre os flancos,
onde ao despetalar da neve pelo vento
uiva pesadamente a ronda de ursos brancos...

Sandalo

(A FABIO LUZ)

Um fluido morno escorre, aos deliquios da sésta,
e circúla, através dos ramos, e enche a flóra,
em filtros de luxuria, ao sol que as folhas cresta,
coando o orvalho aromal que a madrugada chóra...

Ao calor do aureo estio, esfolha-se a floresta;
arfa, em ondas de effluvio, a paizagem sonóra,
no ouro vivo e lethal que esparge a luz funesta,
na seiva que palpita em ancias de plethóra.

E a Terra, toda em flôr, em beijos longos arde,
até que desça ao mundo o mysterio da tarde,
na transfiguração azul de uma apotheóse.

E até que a Noite sorva o aroma das cimeiras,
a selva, emmaranhada, em éstos de nevróse,
move languidamente os léques das palmeiras...

Magnolia

(A ANTUNES VIANNA)

Ao cheiro vivo da arvore, dourada
abelha zumbe; ao sol, que a selva offusca,
desde o primeiro beijo da alvorada,
dos seus ramos em flôr o pollen busca...

E é de se ouvir, na grimpa perfumada,
dos zephyros azues a leva brusca,
na embriaguez da fronde auri-bordada,
a encher de effluvio a tarde que corusca.

Ao sussurro das citharas eóleas,
louros enxames ávidos parece
que estão sorvendo a vida das magnólias:

em cada flôr uma aza de ouro assoma,
uma abelha precipite enlouquece,
ou morre um sylpho, bebedo de aroma...

Matta virgem

Mal sussurram do Dia as sonóras fanfarras,
a que a selva, revolta, em seus écos, responde,
sobre o enredo pagão das orchideas bizarras
Euro vem dedilhar a harpa eólea da fronde...

A ave se furta ao sol e a féra crispa as garras
no seio, aberto em flôr, dos ramos crespos, onde
doideja, ao sol merideo, o canto das cigarras,
e em que o séquito azul das dryadas se esconde.

E a floresta bravia, entre as urzes e os myrtos,
ora ergue aos temporaes os rudos galhos hirtos,
ora quêda e adormece ao baloiço das ramas:

os contrastes fataes da alma humana recorda,
que ao sopro das paixões temporarias acorda,
ou dorme no mysterio immenso dos seus dramas...

Dioenea muscipula

ESPALMA a folha ao sol o amplo velludo quieto,
que de esmeralda envolve a mysteriosa planta,
no anceio da attrair, em seu perfume, o insecto,
que ás nevroses da luz, com as azas tontas, canta...

Quanta verde traição, na chlorophyla! quanta
perfidia, no esplendor, na seducção, no aspecto,
com que ella chama e tráe, com que ella attráe e encanta
a pobre mosca de ouro, em seu volteio inquieto!

Com que anceios de vida os lóbulos comprime,
entre a insidia e o perfume, a folha tentadora,
como que a se ufanar da gloria do seu crime,

quando pousa, sobre ella, o insecto, quasi exhausto,
na apotheóse final da dôr, como si fôra
um martyr, no estertor divino do holocausto...

Girasol

(A ARISTÊO SEIXAS)

LEVANTA a fronte régia, aos beijos de aurea chamma,
com que o sol do alto escalva a Terra moribunda;
e assim, como a encarar a luz que a flóra inflamma,
abre a corôa de ouro e glória que o circumda...

Ha nesse aspeito hostil a evocação de um drama:
nessa ancia de florir, de algum mysterio oriunda,
ha um gesto de o esplendor beber que o céo derrama
e haurir o ésto vital da seiva que o fecunda.

Fulja a auréola do sol, accesa em pompas de ouro;
o heliantho ergue a corolla, em malcontida teima,
seguindo, da alva ao poente, o seu trajecto louro...

Certo é gloria maior que a dos astros fecundos,
essa de contrastar a luz que os mundos queima,
essa de acompanhar o sol que rege os mundos!

Sonho pagão

PARA sonhar a vida e o encanto que ha na selva,
é preciso beber o perfume das rosas,
dormindo ao baloiçar das arvores cheirosas,
de um tapete macio entre os tufos de relva...

Certo, vós que sonhaes assim, si me entenderdes,
sonhareis, na floresta, o meu sonho dourado:
o meu sonho é viver num castello encantado,
com arcadas em flôr e de columnas verdes;

um castello que á luz do céo desvenda as portas,
para que as illusões azues venham em bando,
como em doida revoada andorinhas chilreando,
mal espalha o funereo outomno as folhas mortas...

Em torno, á ondulação do vento, entre os barrancos,
a agua clara rolando, em cachões e em pennachos,
vem monotamente erguer seus flócos brancos
no doido cascatear dos mais vivos riachos...

Doido sonho! ó visões da selva, ó nymphas de ouro,
este aroma divino e traidor arrebata-nos!
Vamos a alma escutar das rosas! ó thesouro
de luz, doura e pratêa os pampanos e os platanos!

Quero que o meu castello esconda as pedrarias
do oriente: e os seus rubins, seus berylos e pérolas,
a alvorada os derrame, em orvalhadas frias,
quando do meu castello abrir as portas cérulas...

Quero dormir á sésta, em a rêde de plumas
que a mão alva de um sylpho entretecer; e á sésta,
em volupia oriental, de alvos frouxéis e espumas,
sorver todo o excitante aroma da floresta...

Quero ouvir, em silencio, a alma das coisas mudas,
segredando com o orvalho e com as rosas vermelhas,
até que com o vir d'alva ás arvores folhudas,
sobre ellas endoideça o bando das abelhas...

E logo que, ao vir da alva, ao fogo da canicula,
e eu, contra o céo e o mundo, em desespero, impreque,
certo irei, ao gemer de um zéphyro frondicula,
furtar, de uma palmeira, as palmas, para um leque...

E assim que, de illusões, para um paiz mais bello,
um dia, um bando azul ou dourado, transmigre,
serão, durante a noite, a ronda do castello,
phosphoreando, na treva, os dois olhos de um tigre.

E, no castello verde, eu dormirei; dormindo,
quando a myrrha exhalar o incenso das caçoilas,
nunca mais abrirei os olhos! Como é lindo
dormir sob a influencia extranha das papoilas!

Para sonhar a vida e o encanto que ha na selva,
é preciso beber o perfume das rosas,
dormindo ao baloiçar das arvores cheirosas,
de um tapete macio entre os tufos de relva...

Aquila

DESDE que viu o céo, no grís deslumbramento
da aurora, essa aguia real, pensando em ser rainha,
quiz mais perto viver das nuvens, no aureo assento
da montanha, ou beber a luz, que do ether vinha.

E as plumas, de oriental fulgôr, no afflar violento
de um surto excelso abriu, sobre a sinuosa linha
das silhuetas azues dos cerros, quando o vento,
em furia, a fez rolar, do vôo que a sustinha!

Aguia! o mundo te prende, a altura te repélle!
mas, não quedes, no exilio, alheia a tudo e imbelle,
pois essa ancia de voar é que te faz divina.

Quando o azul te attrair de novo, sê mais forte:
vôa levando ao céo a dôr que te domina,
traze voltando ao mundo a redempção da morte...

Abelha

CHEGOU a ultima abelha: é a mensageira
das rosas; trouxe o pollen, que o aureo enxame
das outras, percorrendo a selva inteira,
não traz, por mais que a selva lh'o derrame...

Andou da tarde gris na plumbea poeira;
tonta de sol, entrou a anthera, o estame,
de alguma flôr, que o pó dourado joeira,
ao mais leve roçar de aza que a inflamme...

E quasi se perdeu, da flóra em meio,
quando, da noite morna, o ermo negrume
desceu do espaço, ás arvores cheirosas.

E foi essa, que após as outras veio,
a que trouxe á colmeia mais perfume,
a que furtou do bosque a alma das rosas...

Cigarra

(A GUSTAVO TEIXEIRA)

Há três dias, ao certo, anda a cigarra louca,
nas nevróses da luz cantando, em pleno estio;
toda a orchestra da selva e dos vergeis é pouca,
para lhe contrastar o immenso desvario...

Queime o céo a floresta, ao resplendor que touca,
como um laurel de fogo, o flavo sol bravio,
zuna do vento em furia a symphonia rouca,
varrendo a terra e o bosque, extravasando o rio!

A cigarra estridúla o canto da demencia!
e canta doidamente a gloria da existencia,
que viver desvairando á luz é a sua sorte.

Quer morrer de cantar essa canção presaga,
quer morrer como o sol, que á propria luz naufraga,
por isso que o seu canto é a invocação da morte...

Procellaria

QUANDO, ao furor das ondas, a procella,
demente negra, em cólera, desata,
no céo, a grenha espessa, e o espaço estrella
de coriscos, coroando o mar de prata;

vens afrontar o oceano! Treme a véla
da nave afoita; é o vento que arrebata,
em glória, a vaga espúmea, e assim, sobre ella,
chora a tormenta, em lúrida cascata...

Amas o oceano em furia! amas a lucta!
vôas sobre os parceis do sorvedouro,
que o relampago acclara e a treva enluta!

E abres as pennas, sobre o abysmo, ufana,
como a esperança que abre as azas de ouro,
nas tempestades negras da alma humana...

Gato

Eil-o, quêdo, a scismar, no mais fundo sigilo,
vendo a vida através á côr verde dos olhos;
ama a obscura virtude o recesso tranquillo
da alma que se recata em intimos refólhos...

Passa, no ar, uma voz ephêmera, a inquiril-o:
é o somno que o convida a sonhar... E entre os fólhos
da aurea trama de um sonho, em gracioso cochilo,
elle esquece da vida os rispidos escólhos.

Interrogae, como eu, a alma branca de um gato,
si o encontrardes scismando em solilóquio abstracto,
a invocar da esperança a illusória virtude.

E em lhe ouvindo o rosnar, si um dia lh'o entenderdes,
vereis quanto é feliz uma alma que se illude,
vendo a vida através a côr de uns olhos verdes...

Monologo da rã

QUE eu amo, ninguem sabe, ao certo. Ninguem pensa,
quando me ouve coaxar, nas bordas da palude,
que amor possa possuir quem pela treva densa
em vão ergue da lama uns restos de virtude...

Amo, do céo de prata, aquella estrella immensa,
que com brilhos de gloria os meus olhos illude;
amo a nuvem, o sol, a luz, na doida crença
de que, naquella estrella, um dia, eu me transmude!

Misera! no negror da Terra! olhando os astros,
vingo-me de mim mesma e furto-me a entendel-a,
salto em ancias de azul e quedo-me de rastros;

ponho, na alma gelada, a febre de quem ama,
amo perdidamente o fogo de uma estrella,
sentindo o coração pulsar dentro da lama...

Caracol

DESDE que o mundo acorda e á luz os olhos abro,
numa interrogação me quedo, de mãos postas;
impressiona-me a vista o teu vulto macabro,
levando da existencia o fardo, sobre as costas...

Sobre a terra, tisnada em negro descalabro,
sob o céo que se perde entre montes e encostas,
tu, que tens o teu céo no horror de um volutabro,
os embates da vida e do destino arrostas!

Não sei porque me vem, si ás vezes te contemplo,
um desejo cruel de te seguir o exemplo,
de inquirir o teu rumo, através dos escombros!

Por certo, como tu, no teu penar profundo,
eu sinto, ao vêr a luz, ao divisar o mundo,
o fardo de viver pesar-me sobre os hombros...

Vagalume

Sonhou, ao vir da Noite, um vagalume:
era estrella e do céo no aureo thesouro
fulgia, como um sol, entre o cardume
das estrellas... Traiçoeiro sonho de ouro!

Ao léo do vento, ás tontas, no negrume
da selva, tanto voou, furtivo e louro,
á procura do céo, que o tênue lume
perdeu, de atroz rajada ao negro chôro...

O sonhar ser estrella á maravilha
de não a ser, não se compara, ao certo,
para, da terra, em mago encanto, vêl-a;

ou vêr o azul, que a luz dos sóes rendilha,
porque mais vale vêr um céo aberto,
do que, num sonho de ouro, ser estrella...

O canto do cysne

(A PAULO LABARTHE)

Tem nossa alma a apparencia azul da erma lagôa,
em que o cysne morreu cantando... A todo instante,
uma branca illusão de azas nevoentas vôa,
ou se perde ao sabor da ondulação fluctuante...

E rompe a lympha, ao vento, ou vae boiando, á tôa,
até que as plumas abra e, como um cysne, cante;
— alvo sonho de luz que o espirito esbotôa,
na escura estagnação de um sonho agonizante...

Vem, desse lago occulto, o orvalho que, nos olhos,
nos derrama a saudade e nol-os enche d'agua,
quando canta a illusão, da vida entre os escolhos;

quando morre a illusão da vida e em meigo encanto,
como um cysne que canta o seu canto de magua,
derrama dentro em nós a magua do seu canto...

Aranha

A luz do dia a encontra urdindo as tramas fôscas
de um enredo traidor, de uma insidiosa teia,
em que se hão de enroscar as irrequietas moscas,
cujo séquito azul em derredor volteia...

E assim, alheia ao tempo e ao sol dourado alheia,
ella o seu tear expõe, sobre as ramagens toscas,
ou nos fundos desvãos que o musgo verde enleia
e onde a orchidea se agarra em espiraes e roscas...

Sopre o vento revolto, em lufadas hostis;
róle o mundo, vencido em tétro descalabro,
— vejo-a sempre tecendo o seu mundo feliz.

E entre essa teia azul e a trama das orchideas,
recorda-me o vae-vem do seu vulto macabro
a alma humana, tecendo enredos e perfidias...

Mariposa

I

MARIPOSA dourada! em torno á véla
que se transmuda em lagrimas de chamma,
pensas acaso que esse fogo é a estrella
de algum céo que não vês e que te chama?

Vem vêr commigo a noite que se inflamma
e que oureja do espaço a curva umbella;
olha quanto fulgor o luar derrama,
quanto pó de alva prata o azul constella...

Cumpre, idólatra doida, o teu destino:
vôa pela amplidão do Eden celeste,
dentro de um sonho rútilo e divino...

Queima as azas na luz de um astro louro,
sonha, e morre sonhando que morreste,
de uma estrella do céo no abysmo de ouro!

II

DOURADA mariposa! vês aquella
estrella, gotta azul, que no alto brilha?
e aquella outra, que fulge, immensa e bella,
como de uma esmeralda a verde estilha?

Todo o longinquo abysmo que se estrélla
e que de argentea poeira o céo polvilha,
não t'o resume a chispa de uma véla,
tumba de ouro em traidora maravilha!

E o insecto, ás tontas, vôa; e doido, e exhausto,
a si mesmo se queima, no holocausto
da luz funesta que de amor o inflamma!

E a véla, que o abysmou, vejo-a, surpreso:
fez-se a funérea luz de um cyrio acceso,
tremeu como uma lagrima de chamma...

Garça

(A ALFREDO DE ASSIS)

A' margem da palude, a alvura destas plumas
ostento, dês que o sol, rompendo a névoa esparsa,
cuida que sou talvez rainha das espumas,
dourando o meu perfil somnambulo de garça...

Em vão, ó Noite negra, o lago e o céo esfumas,
nesse manto de treva e luz, que te disfarça;
eu sou noiva do luar, que ao mysterio das brumas
anda a chorar por mim, pelos campos de sarça!

Vivo nestes paúes, longe da insidia humana;
narciso-me no espelho azul da lympha calma,
guardando do meu corpo a néve que me ufana!

E porque o meu livor, sobre as coisas terrenas,
a candura reflecte e as penas de minh'alma,
sobre o pantano ostento a alvura destas pennas...

MAR

...Terra florida, verde oceano! ó Natureza,
sois o meu Evangelho!

IDÓLATRA do mar, gosto de vêl-o
a sacudir a grenha de esmeralda,
quando as ondas, em férvido atropêlo,
lhe correm, soluçando, sobre a espalda;
gosto de vêl-o revoltado, em fúria,
beijando as ilhas de ouro, quando espraia,
em rispida e monotona lamuria,
o seu pranto de pérolas, na praia...

Quando interrogo o seu mysterio verde,
como que a interrogar o meu destino,
sobre o seu dorso o meu olhar se perde,
e eu sinto na alma um frêmito divino:
não sei que extranho anceio me arrebata,
quando o vejo, num impeto violento,
como que a sacudir gottas de prata,
erguendo a espuma branca ao firmamento...

No meu culto de idólatra do oceano,
eu conto, á sua magua, as maguas minhas,
quando me empolga o grito quasi humano
que á terra vem das solidões marinhas...

Rézo, ante o abysmo equóreo, que as procellas
açoitam, ao rugir dos ventos, quando,
na curva do horizonte, brancas vélas,
ao léo das ondas, passam, flammulando,
azas perdidas no atro sorvedouro
do salso pégo, em cujas vagas cérulas,
sonho que vão remando, em naves de ouro,
os caçadores de coraes e pérolas...

Quantos parcéis na espuma, quantas fragas,
sob a névoa traidora, onde as sereias
deixam tredo amavio em notas vagas,
torvelinhando, em languidas choreias,
ou cantando, nas rochas e nas ilhas,
com doçuras do céo no ethéreo threno,
feito de essencias e de maravilhas,
desfeito em subtilíssimo veneno...

Quantas vezes, em sonho, eu desço ao fundo
do mar bravio, em que a sereia canta,
em meio dos polypos, no aureo mundo
dos coraes tentadores, na garganta
do pélago brutal de ondas bravias,
que esconde o aljofre branco, em roseas valvas,
e do meu sonho azul, com as mãos vasias,
volto, em ondas de luar, nas praias alvas...

II

Revolto oceano verde! eu te comprehendo,
quando, nas conchas, ouço o teu murmúrio,
e desse teu bramido, bello e horrendo,
presinto, nellas, o funéreo augúrio;
quando as escuto, e os écos de teu grito
lhes interrogo, em êxtase, scismando,
como si fôra o teu irmão afflicto
as tuas afflicções interrogando!

Certo si um dia, naufrago, exilado,
eu não ouvisse mais a voz equórea,
de uma concha no seio aurilavrado
inda te ouvira a dolorida historia;
inda te ouvira o soluçar violento,
no meu culto de idólatra do oceano,
pois resume uma concha o teu lamento
como a saudade o coração humano...

E em meu exilio, em terra extranha, — ao certo,
quando, em noites de insomnia e nostalgia,
tudo, em torno de mim, fosse deserto —
eu te invocára, em languida magia,
com os teus combros de prata e de esmeralda,
com as tuas ilhas e com as tuas vélas,
que a brisa, em noite azul, infla e sofralda,
sob o poeira dourada das estrellas...

Eu te invocára, em suave fetichismo,
quando cantasse, a ouvir as notas de ouro,
em que esta concha esconde a voz do abysmo,
como escondêra as contas de um thesouro;
e á saudade da patria, em meu recanto,
si algum dia eu chorasse, esse meu chôro,
como um ruido de préce, em mago encanto
ella o guardára, em seus gorgeios de ouro...

E tanto, em meu lamento, te invocára,
e o teu lamento, nessa concha, ouvira,
que dessa urna do pégo, amphora rara,
si eu escrutasse o seio de saphira,
ficaria, em meu triste isolamento,
dentro de um sonho mysterioso e infindo,
sem distinguir si ouvindo o teu lamento,
si o meu lamento dentro della ouvindo...

E si algum dia, em tuas alvas praias,
voltasse a te inquirir o verde arcano,
como que a olhar um pélago sem raias,
no meu culto de idólatra do oceano,
eu te daria a concha que me deste,
e, dentro della, em vez dos teus bramidos,
em vez do teu rumor, quasi celeste,
os meus cantos no exilio desferidos...

III

Bravio oceano immenso! que mysterio
te faz guaiar, alteando a verde grenha
borrifada de pérolas? que imperio,
sobre o teu dorso glauco, se despenha,
quando a Noite, crivada de borrifos,
sobre o teu desvario, o luar desata,
accendendo as estrellas, hieroglyphos
feitos de luz e lagrimas de prata?

Que desespero as ondas te subléva,
quando o céo se debruça, em noites claras,
ou em noites sombrias, pela treva
derramando um fulgor de asterias raras,
e como que se espelha, na ardentia
que te illumina os flancos, que te inflamma
os coraes, que te as syrtes arrepia,
e o teu dorso phantastico recama?

Que desespero tragico e divino,
— quando um austral insuflo te arrepéla —
revólta as vagas, num furor leonino,
aos beijos desvairados da procella,
e de coriscos brancos te engrinalda,
quando ferves, em cóleras supremas,
e triumphas, com a juba de esmeralda
salpicada de espumas e de gemmas?

IV

No meu culto de idólatra do oceano,
eu conto, á sua magua, as maguas minhas,
quando me empolga o grito quasi humano
que á terra vem das solidões marinhas...

Nereida

(A LICINIO MACHADO)

ESTA concha que o mar, no seu fundo, guardava,
e entre as ondas, e a esmo, ora oscilla e fluctúa,
abre-se agora ao luar, longe da rocha brava
que a escondia da luz, como reliquia sua...

Abre-se toda ao luar, e do seu seio, núa,
branca, os olhos azues, a cabelleira flava,
vem bailar, mudamente, aos desmaios da lua,
a nereida feliz que nella se occultava.

De anjos anda no céo todo um cortejo louro;
cada estrella que surge é uma pupilla accesa
que se abre a interrogar o seu cabello de ouro...

Freme e inflamma-se o luar, nos seus reflexos frios,
quando a nereida passa, ao léo da agua surpresa,
sobre o oceano desfeito em verdes arrepios...

Coral

(A THEODORO MASCARENHAS)

Entre os negros parceis, na azul voragem, fêl-o
surgir, bello e traidor, a vaga equórea, o abysmo;
e o oceano, no seu fausto, em ríspido arrepêlo,
guarda-o, como um pagão, num doido fetichismo...

Quantas vezes, num sonho, eu me extasio, em vêl-o,
quando, na onda fugaz de vã miragem, scismo,
crendo possuil-o ás mãos, tal si com o meu desvelo,
o roubasse do oceano ao verde paroxismo!

Quantas vezes, em sonho, em mar bravio, aos olhos,
vem-me a suave illusão de estar vogando ás tontas,
porque a vida tambem é um mar, cheio de escolhos;

porque a vida tambem, cheia de encanto e de ais,
recorda um pégo azul, crivado de aureas contas,
como em sonho entrevejo o abysmo dos coraes...

Sereias

(A RAYMUNDO REIS)

DIZEM que, sob o oceano, as conchas alvas, soltas,
formam de irreal vivenda as raras maravilhas,
com portas de coral, no salso abysmo envoltas,
com ameias de aljofre á falda azul das ilhas...

E' o rochedo encantado, em que as ondas, revoltas,
guardam o canto real de aureas sereias, — filhas
do archipélago verde, — e onde o mar brame, ás soltas,
em meio a um turbilhão de mastros e de quilhas!

Que não sossobre ahi, não passa véla alguma;
e cada vez que em furia a onda homicida espuma,
baila um rumor divino em céleres choreias.

E em torno a equórea syrte o mar alteia a espalda,
arrepiado de ouvir o canto das sereias,
no vortice traidor das ondas de esmeralda...

Estrella do Mar

(AO DR. ADALBERTO GARCIA)

No antro verde do mar, a lucida astrophyte,
num leito de coraes, em rochas negras, dorme:
é um sêr que o oceano esconde á furia sem limite,
com que o vento do sul lhe insufla a espalda enorme!

Cante, no alto, a sereia, ou chóre o nauta; ou grite,
em uivos, a procella, e a vaga espumas fórme;
a hirta estrella do mar, no glauco pégo, emitte,
dentro de ermo mysterio, o seu luzir disforme...

Cercam-na, em regio throno, as nereidas, em bando.
E alvas conchas, ao léo das ondas, despertando,
olham, cheias de assombro, a extranha maravilha.

Todo um cortejo azul de pérolas vem vêl-a,
e a astéria, sob o mar, nas fragas em que brilha,
sonha que está num céo, por ter nascido estrella...

Concha

(A RANGEL DO AMARAL)

Micro-vivenda humilde, a concha, a voz do oceano,
num sussurro immortal, e o éco das ondas, guarda,
como em restos esconde o coração humano
de um passado longinquo a voz funérea e tarda...

A procella, o ulular do vento, o verde arcano
das vagas, e um naufragio, e uma véla galharda,
e as syrtes, e o mar crespo, e as ilhas, e o mar plano,
lembra esta concha morta a quem lhe o seio esguarda!

E o barbaro bramir do equóreo sorvedouro,
dentro em seu fundo azul, se muda em notas de ouro,
lembrando o canto real das sereias da lenda.

Deu-lhe o oceano á humildade a gloria de um destino:
guardar do abysmo verde a symphonia horrenda,
na transfiguração do seu clamor divino...

Pérola

CONTAM que uma sereia azul, no oceano
bravio, andou chorando, um dia, ás tontas,
e de Amphitrite no thesouro arcano
verteu de argenteo pranto as alvas contas...

Nasceste de uma lagrima... Hirto panno
de véla afoita, aos uivos e ás afrontas
do vento, em teu encalço, o orgulho humano
inflou, na aza fugaz das auras tontas...

E a fauce azul do mar foi o holocausto
de aureas triremes, e o traidor encanto
dos sonhadores avidos de fausto!

E hoje, á concha feliz, que te guardou,
para trair os nautas com o seu canto,
canta a sereia azul que te chorou...

CÉO

Astros, mundos de chamma, aureo estellario, espheras
de luz, ó Via-lactea! Anceios brancos, raios
de prata, ó luar divino! Auróras, primavéras,
tardes meigas de outomno, em brilhos e em desmaios
de crepusculo; névoa e sombra, invernos hirtos,
estios de ouro, ó sol fecundo!

Ao dr. Armando Prado.

Tarde

(AO DR. MARIO GALVÃO)

OUVE, Musa encantada: é a surda lithania,
que nest'hora desfere o vento, em ais supremos,
chorando, nos rosaes; é a musica sombria
da selva, preludiando um psalmo, em gloria... Oremus.

Morre, no poente em fogo, o sol, fonte do dia;
e vem, de um céo longinquo, um céo que nós não vemos,
esta ancia incomprehendida em que a alma se extasia,
esta extranha saudade em que nos comprehendemos...

Bem me fôra, por certo, ó Musa dolorida,
no extase que ao passado ás vezes me transporta,
fechar, á luz do dia, as palpebras, sem vida,

quando, ao morrer do sol, entre um rumor de chôro,
o Crepusculo azul, beijando a Tarde morta,
em suave extrema-uncção lhe fecha os olhos de ouro...

Vesper

Na curva gris do poente, o sol morreu! No emtanto,
num halo zodiacal de luz, gloriosa e viva,
uma estrella surgiu, como ao funéreo encanto
com que a Noite o amplo céo de cyrios flavos criva...

E' uma lagrima irial, que a plumbea tarde estiva
derramou, do alto azul, nas dobras do éreo manto;
— negra viuva do sol, da Noite a alma furtiva
verte a primeira gotta immensa do seu pranto!

Gloria a ti, Vesper flava, e ao céo que te desvenda,
a illuminar do sol a morte fulva e horrenda,
como um cyrio a luzir, nas cinzas dum thesouro.

Gloria ao astro que morre e á estrella que inicia
o aureo pranto de luz que na viuvez do Dia
a Noite ha-de verter num lacrimario de ouro...

Noite

NEGRA monja divina! Eu te amo, quando desces,
do teu claustro azulado abrindo a porta... Eu te amo!
E's tu quem me abençoa, ouvindo as minhas preces,
quando te pões a ouvir a dôr em que a alma inflammo.

E's tu que a Terra hostil semeias de aureas mésses,
pondo, com o teu orvalho, um fructo, em cada ramo;
e em cada flôr sequiosa uma lagrima esqueces,
como em funda saudade o pranto que eu derramo...

Em teu luto é que eu choro a morte dos meus dias!
certo ao termo fatal das minhas ancias quérulas,
tu me virás fechar os olhos, com as mãos frias.

E então reza, por mim; que o fulgido estellario
é o teu rosario azul de estrellas ou de pérolas,
e o Cruzeiro do Sul é a cruz do teu rosario...

Estrella cadente

Ouro acceso dos sóes, a extranha maravilha
dos mundos, o fulgor do cósmos que se inflamma;
e o espaço que fulgura, e a existencia que brilha,
no fúlvido clarão que o estellario derrama...

De repente, através da sombra, como a estilha
de uma constellação, um orbe de aurea chamma,
uma lagrima em fogo o curvo azul rendilha
e cáe, como um sol morto, em pleno cosmorama!

Ninguem ouve o rumor do bello cataclismo:
é um astro que soalheira o concavo do abysmo,
e queima o ether azul, e rasga os céos profundos...

Tomba o espéctro de luz, no fulvo sorvedouro,
como que borrifando uma lagrima de ouro
na tragédia divina e barbara dos mundos!

Estrella d'alva

Na alva resurreição que o oriente em fogo aclara,
não tarda o sol mostrar a auréola que o circumda;
no emtanto a régia estrella o incêndio fulvo encara,
— lagrima que esqueceu a Noite moribunda...

Não lhe turvou o aspécto a luz violenta e clara
que os astros de ouro offusca e o céo de gloria inunda,
e ella, do alto, inda ostenta a aurifulgencia rara
de um topazio estrellando a abóbada profunda...

E quando a treva esfolha o luto feito em réstos,
a estrella d'alva esconde a flava e real pupilla,
ao sol que a luz derrama, em ósculos funestos.

E antes que o espaço e o mundo a canicula açoite,
inda esplende uma vez, inda uma vez vacilla,
aureo ponto final na transição da Noite...

Hymno ao Sol

ALVA, a noiva do sol, coroada de ouro e rosas,
que abre, ao fundo do oriente, as pupillas medrosas,
para annunciar ao mundo a apparição dourada
da luz, vem-me acordar, com beijos de alvorada;
entra por tenue fresta, acclara os leves fólhos
do meu leito e, com as mãos de néve, abre-me os olhos...

A alma negra da Noite as plumas reaes espalma,
como si ao céo levasse a noite de minha alma,
e os seus olhos sem luz de monja céga alonga,
como que a olhar os meus, que se abrem, numa longa
penetração de luz, tão tristes como os della;
e com o manto estrellado aberto, vae á cella
longinqua, onde se ajoelha e réza, ante o cruzeiro,
sempre acceso, de azues estrellas...

Ao primeiro
deslumbramento irial, que o dia accende, em gloria,
vae-se-me, da alma escura, a sombra merencórea
de Nyx; é mais um dia, em que o aureo encantamento
da luz me é dado ver, menos um dia! O vento
rouba ás flores o aroma, o sol me leva os dias
no seu gyro dourado!

E aquece-me as mãos frias,
quando a minha oração lhe rézo, de mãos postas:
desde que o vejo em fogo, atraz de altas encostas
cheias de prata, erguer a fronte, e a auréola clara,
que lh'a cinge, irradiar; desde que a selva e a seára
brilham, no seu fulgôr, e os ramos tremem, cheios
de fructos de ouro; ouvindo a festa dos gorgeios
que o saúdam, eu ergo as mãos, na ancia incontida
de supplicar ao sol que doure a minha vida;
que a terra beije e escalde os bosques moribundos,
que em viva irradiação, em ósculos fecundos,
sua bençam de luz derrame e a c'rôa real
das arvores esmalte; e, no culto de Baal,
peço ao deus do esplendor, que oscúle a selva flórea;
que encha de gloria as mãos aos que lhe pedem gloria,
aquelles que, sulcando á terra os flancos brutos,
sonham colher do outomno os ourejados fructos;
que a sua luz recame as eiras, beije os rios,
leve a chamma celeste aos tugurios vasios,
encha os celeiros de ouro ao semeador exhausto,
dando á nudez da Terra as pompas do seu fausto!

Acorda-me, aureo sol, si os braços cruzo, inerte;
e antes que os braços cruze e nunca mais desperte,

quero sorver ainda, em longos haustos, tua
claridade immortal! És a verdade núa,
que estes meus olhos núa não podem vêr; mas pedem
os meus olhos a luz, com que clareias o Eden
da altura! querem vêr meus olhos a belleza
da tua apparição, na maravilha accesa
das chammas orientaes, feitas de prata e de ouro,
como as portas talvez de um paraizo louro,
que abres ao teu clarão! querem vêr tuas flammas
de rubins, que no poente aurifero derramas,
quando a ti mesmo esvaes, como um viajor divino,
auricomo nababo, a quem o aureo destino
de sentir-se immortal enfara...
ó deus que impéras,
na sidérea attração radiante das espheras!
amo ver-te no céo, no occaso em chammas; amo
vêr no azul apagar-se a luz, em que me inflammo,
para depois surgir, tauxiando a longa espalda
das montanhas azues e os cimos de esmeralda;
não me invade a illusão da tua morte! eu creio
no teu cyclo immortal de luz; nunca o receio
de que te vaes rolar sem vida á occidua curva,
a minha vida assombra e os meus scismares turva!

Meu receio é morrer, sem inda vêr teus raios,
quando vieres de novo, em brilhos e em desmaios
de crepúsculo, encher de vida o céo e o mundo;
o meu receio é vêr, não no teu céo profundo,
mas da minha existencia ao lúrido mystério,
a Noite, sobre mim, num pôr-de-sol funéreo,
uma cruz accender de azues estrellas...

INDICE

	Pag.
Bosque sagrado	7
A Lenda de Pan	
A Lenda de Pan	15
Pan e Syrinx	19
O Ideal de Pan	21
A flauta de Pan	25
Solilóquio do fauno	27
A visita de Selene	29
Bacchanal	33
O baile das Dryadas	35
Miserére	37
Symphonia selvagem	39
Fontes e rios	43
Thamo	45
Pan morreu!	47
Terra	53
Oasis verde	61
Eólo	63
A montanha	65
Esmeralda	69
O Rio	71
Lagôa morta	75
A gruta	77
Oréade	81
Arvore	85
Edelweis	89
Sandalo	91
Magnolia	93
Matta virgem	95
Dicœnea mascipula	97
Girasol	99
Sonho pagão	101
Aquila	105
Abelha	107
Cigarra	109
Procellaria	111
Gato	113

Pag.

Monologo da rã 115
Caracol 117
Vagalume 119
O canto do cysne 121
Aranha 123
Mariposa 125
Garça 129

Mar 131
Nereida 139
Coral 141
Sereias 143
Estrella do Mar 145
Concha 147
Pérola 149

Céo 151
Tarde 153
Vesper 155
Noite 157
Estrella cadente 159
Estrella d'alva 161
Hymno ao Sol 163
Juizos criticos sobre o livro "Dentro da Noite", do mesmo autor 169

ALGUNS JUIZOS CRITICOS SOBRE O LIVRO "DENTRO DA NOITE", DO MESMO AUTOR.

... folgo em reconhecer e proclamar no seu autor um poeta de talento, como facilmente se poderá verificar, logo depois da leitura das suas primeiras composições.

Aqui está, para exemplo, um soneto que, sem merecer os gabos de excellente, é comtudo um bom padrão de fórma, de espontaneidade e de harmonia, deixando, só por si, lastro de engenho e de dextresa na maneira de affeiçoar o verso:

Sobre a margem do lago, a erma e triste cegonha,
em quêdo solilóquio, em dolorida scisma,
tem a vaga expressão abstracta de quem sonha
e olha o mundo através dum mysterioso prisma...

Uma alma irmã da minha! alma exul e tristonha,
o seu vulto, sombrio e extatico, prediz-m'a:
não a vejo uma vez siquer, sem que suppônha
vêl-a na mesma angustia em que meu sêr se abysma!

Minha alma, como a sua, á duvida propensa,
num ermo isolamento, ás vezes, se enclausura,
e olha tudo através de uma tristeza immensa.

Sua alma, irmã da minha, em êxtase profundo,
vive continuamente invocando a ventura
de insular-se da vida e esquecer-se do mundo...

Ha por ahi muita gente, que blazona de poeta e forceja por merecer o epitheto de escriptor, sem que possua, no emtanto, em toda a sua bagagem de frivolidades mal amanhadas, um unico soneto que possa decentemente hombrear com esse. "Dentro da Noite" é, pois, uma promessa bastante auspiciosa e franncamente merecedora de applausos.

Osorio Duque-Estrada.

(*)...Assim pensando, limito-me por hoje a dizer que fiquei encantado com os versos de Cassiano Ricardo: é um poeta que começa, mas de uma maneira que me faz vêr nelle a finissima estofa de um poeta de largo futuro.

Sua estréa é bellissima e dá motivo de se orgulhar a Universidade de São Paulo por o contar entre os seus estudantes.

Cassiano Ricardo, ao que sei, é muito joven ainda e, por isso mesmo, ainda mais despertou a minha admiração pelo seu talento poetico, que alvoreja com tão ricas promessas.

Versos ha no seu livro que muitos poetas de nomeada ainda não os fizeram, tão suggestivos e tão espontaneos, tão fluentes e tão bellos, já no que respeita á sua eurythmia e á exactidão lithurgica de sua factura, já no que concerne á sua ideação sentimental e á sua delicada esthesia de franco naturista.

E note-se que o poeta do "Dentrò da Noite" não tem uma só poesia erotica neste seu livro, que, não ha negar, é fructo de um temperamento de excepção, bizarro e sensitivo.

Por isso mesmo não quiz julgal-o de corrida, sem entrar na gênese do seu talento poetico, na raiz do seu "eu" psychologico, no fundo sentimental da sua indole melancolica.

WENCESLAU DE QUEIROZ.

(*) Trechos de uma carta dirigida ao dr. Arthur Caetano da Silva.

...Recebi, li, e reli, com o mais vivo prazer, o lindo livro "Dentro da Noite", de Cassiano Ricardo. E' um livro de verdadeiro poeta, ardente e correcto. Alguns sonetos do "Dentro da Noite" serão guardados e decorados por muitos amadores da boa poesia.

OLAVO BILAC.

...A expressão é por vezes elegante e os versos lhe sáem, de quando em quando, marmoreamente bellos:

"E aos longes do horizonte, á luz crepuscular,
o azul do céo e o azul do oceano se confundem,
como um naufragio azul do céo dentro do mar..."

Neste final de soneto está, a nosso vêr, perfeitamente desenhado um pôr-de-sol, tendo a gente diante de si o mar immenso, immensamente azul, a confundir-se ao longe, onde a vista se perde e mal distingue, com uma nesga do céo transparentemente bella e bellamente escampa.

E' de facto animador o que nos annuncia o seu estro, não através de produções inteiras, mas em varios trechos e muitissimos versos da collecção.

Raro é o soneto ou poesia que se nos antolha com a relativa perfectibilidade das cousas humanas; mas rara é tambem a producção que nos não apresenta uma estrophe ao menos denunciadora de um inspirado poeta, a romper o casulo das primeiras difficuldades da arte, afoito por scindir o espaço e fitar, de perto, os olhos no firmamento.

Crepusculo, uma poesia estrophica mais ou menos longa, fecha com estes versos excellentes:

Templo de tecto azul e de pyras radiosas...
Templo em cuja mudez entristecida e fria
O vento vem rezar, em notas mysteriosas,
Os preludios da noite e os funeraes do dia...

O soneto *Cysnes,* aliás para nós sem maior importancia, tem uma chave que poderia francamente chamar-se de ouro :

Eu quizera esquecer a dôr que me quebranta,
Como o cysne feliz esquece as suas maguas
E no instante da morte abre as azas e canta...

Ventura ephemera é outro soneto de plana secundaria, e que, não obstante, tem para remate um terceto admiravel, digno de um poeta de raça:

E a saudade é tão triste, e tão funda e dorida,
Que eu sinto, dentro da alma, o atro arrependimento
De ter sido feliz um momento na vida...

Bellos versos, em que, no emtanto, há um reparo a fazer quanto á idéa. O autor diz que se arrepende de ter sido feliz; mas, segundo entendemos, a ninguem é dado arrepender-se sinão de acto que pratique por vontade propria. O ser feliz independe do nosso desejo, e até do nosso esforço. Um escriptor, *verbi gratia,* póde *arrepender-se* de ter publicado uma obra; não o póde, entretanto, um medico de haver desacertado com a molestia do seu cliente, nem um operario de ter cahido do andaime e fracturado a perna. São tres casos distinctos, dependente o primeiro da vontade, o segundo da maior ou menor percepção scientifica, e o terceiro da pura casualidade. E só na primeira destas hypotheses a expressão *arrependimento* seria empregada com propriedade.

Alma de Hamlet é uma das boas producções do livro, mas cujos tercetos levam franca superioridade sobre os quartetos:

Olho o passado, busco e sondo o atro mysterio
De éras immemoriaes, como quem procurasse
Reviver illusões dentro de um cemiterio...

Alma de Hamlet, na dôr destas horas de spleen,
Entre o dia que morre e a esperança que nasce,
A duvida infinita acorda dentro de mim...

E' o eterno mysterio, e do mysterio a duvida em que toda mergulha a consciencia humana, e deante da qual treme a razão, e vacilla o pensamento, e esmorece o animo, e cresce a ancia, e augmenta o desespero, e a tristeza por tudo se derrama...

Entre o dia que morre e a esperança que nasce,
A duvida infinita acorda dentro de mim...

Nestas duas linhas ha uma expressão muito sentida, ha um grito inteiramente humano e, por muito humano, profundamente triste... E' a tristeza da unica creatura consciente, que, ao voltar-se para dentro de si mesma, não vê nada, nada mais sinão o inextricavel arcano do *ser* e do *não ser*. E' o eterno *acabar* e o *começar* eterno; ambos ensombrados pelas mesmas interrogações, ambos premidos do mesmo receio, ambos pulverizados das mesmas objecções. E' a duvida sombria a escravizar perpetuamente a vida; é a incerteza asphyxiante a ennegrecer perpetuamente a morte...

Mais uma composição digna de ser mencionada é *Ouvindo a marcha funebre de Chopin*, onde o que ha de menos apreciavel é a extensão do titulo. E' um soneto bem arranjado e que, á semelhança dos já referidos, acaba de maneira que corresponde á inspiração com que foi escripto:

E vindo não sei de onde, e caminhando a esmo,
Sob a minha visão extatica e profunda,
Passa funebremente o enterro de mim mesmo...

A's menores cousas da vida, ás mais ligeiras producções do espirito, póde ajustar-se o pensamento de Carlyle, qual o de que um livro sahido do coração ha de sempre achar caminho para chegar a outros corações. A verdade deste conceito comporta todo o segredo da emotividade. Uma phrase sentidamente escripta não póde deixar de ser sentidamente lida. E dahi por certo o agrado que nos causaram e que causarão a outros os versos por ultimo citados. O poeta os sentiu, e só aos que sentem acóde a inspiração, que é em summa a quintessencia do sentimento, porque é o sentimento mesmo da belleza.

Na segunda parte do livro encontra-se um soneto intitulado *Ouvindo um violino,* que não reproduzimos todo porque ha nelle uma expressão que se nos afigura desharmoniosa:

> Quéda-se vagamente, em extas*is, e es*cuta...

E' deploravel esta collisão de *ss* num torneio que aliás contém tão lindos versos:

> Chora o suave violino em notas de agonia,
> Na quietude nocturna, e almas tristes desperta,
> Que hão de ouvil-o, como eu, cheias de nostalgia.
>
> Longas scismas provoca e saudades acórda,
> Gemendo, na mudez desta noite deserta,
> Como si lhe gemesse uma alma em cada corda...

Seguem-se outras composições apreciaveis como *Riso e lagrima, Entre ruinas, A uma concha,* e *Ondina,* um soneto sem grandes surtos de imaginação, sem brilho que chegue para offuscar mas que basta para satisfazer; sem opulencia de rimas, sem variedade de rhythmo e, comtudo, harmonioso, simples, ponderado na linguagem, comedido na adjectivação, estimavel na fórma, espontaneo, bonito:

Como flócos de espuma, immoveis sobre o lago,
dormem, sem um bulicio, os nenuphares, quietos,
presos de algum encanto indefinido e vago,
aos reflexos do luar furtivos e discretos...

Mas, depois, estremece a lympha, ao tenue afago
dos ventos, e ha um rumor de fremitos secretos,
como si andassem no ar, num sussurro presago,
num mysterioso enredo, os sylphos e os insectos...

Um sulco se abre n'agua e em circulos se estende:
Ha uma palpitação de musica em surdina,
num extranho rumor que se ouve e não se entende...

E quando, sobre a lympha, em giros singulares,
surge, cheia de encanto a mysteriosa ondina,
estremecem, sonhando, os brancos nenuphares...

***

Com os trechos transcriptos, cremos ter dado uma idéa sufficientemente clara da capacidade artistica do joven poeta. O que sem duvida patenteámos ao leitor foi a resignada tristeza de que Cassiano Ricardo impregnou quasi todos os versos que compoz:

E' que sinto a emoção de uma feliz tristeza,
A tristeza de quem se faz silente e triste
Para poder ouvir, nesta hora, a natureza,
A alma quieta de tudo o que na terra existe!

Falando do céo e do mar, por exemplo, a paginas 11, deu a essa descripção um tom de melancholia que não faz mal, justamente porque não foi premeditada, resultando, sim, da propria natureza do assumpto. Isto, até certo ponto, prova que o seu estado de alma não é morbido, que a sua constituição physiologica não é doentia, que o poeta não é exactamente um triste ou, pelo menos, um

triste enfadonho, um triste lamuriento, um triste choramigas, um triste incorrigivel...

A nosso vêr, o que lhe vai no espirito é um certo pendor, resultante do seu temperamento delicado, pelos quadros da natureza em que predomina a melancholia das scenas e o sombrio das tintas. No mais elle se sente bem entre as cousas da vida, e não blasphema nem contra ellas, nem contra a sua condição de homem, de homem que aspira eternamente a uma felicidade que não attinge, ou que anda

> A' procura de um bem que existe e não se alcança,
> Ou querendo alcançar um bem que não existe...

O autor de *Dentro da Noite* não se nos apresenta como poeta lyrico. Appareceu-nos harmonioso, surdiu com sentimento, mas não trouxe nem os afagos ternos de Romeu, nem as doçuras encantadoras de Salomão... Não cultiva, absolutamente, a poesia amorosa, de que aliás abusam quasi todos os versejadores incipientes, e na qual, todavia, tão poucos deixam o luminoso sulco dos triumphadores.

Os versos de Cassiano Ricardo tendem mais para o parnasianismo; vê-se bem, através das suas descripções, o rumo que elles seguem, percebe-se para que lado esforcejam as azas do poeta por levar o fogoso passaro da inspiração. Adivinha-se, em meio de um movimento ainda atropelado e indeciso, que o cantor de hoje ha de ser amanhã um adepto distincto da escola que succedeu á do romantismo. E não ha, para isso, de lhe faltar talento, nem inspiração, nem tendencias naturaes e affectivas. Ainda é cedo, porém, para falarmos da sua arte, para estudarmos a sua esthetica, para analysarmos os seus versos dentro da sua escola, e dizermos da sua escola através dos seus versos. A neces-

sidade deste estudo, que será imposto pelo evoluir da sua vocação, pelo progredir da sua cultura e pelo desabrochar completo da sua intelligencia, virá depois. E a critica não póde preceder a obra.

ARISTÊO SEIXAS.

...Não estou de accordo com o dr. Garcia Redondo, quando, ao prefaciar o seu livro, argúe a nota melancolica que volve iterativamente em suas poesias, talvez como a expressão literaria de sua philosophia moral.

Bem ou mal, entendo que fallece á critica o direito de interpellar o poeta sobre o seu modo de comprehender a vida, extrahindo dessa intuição o sabor travoso ou ameno de suas modulações.

O que lhe cumpre analysar não é si a expressão do verso é alacre ou melancolica, mas si o poeta, quando triste, soube remontar sua tristeza aos altos pontos de vista de onde o espirito perquire ou contempla o horizonte mysterioso da vida.

Bastaria o taciturno problema do nosso fim ultimo, para afelear-nos perpetuamente as fontes mais puras do ideal.

E com que direito nos increpam o havermos temperado a lyra por esse diapasão doloroso, quando os espiritos mais robustos e sadios não logram resgatar-se de sua influencia obsidiante ?

Lembro-me das bellas e profundas palavras de Huysmans : no anceio perpetuamente confundido de decifrar o enigma da vida, uma só idéa sobrepaira á ruina do pensamento que sossobra: a idéa de uma expiação incomprehendida, o sentimento de que a Dôr é o unico fim assignado á humanidade.

Repito, pois, que a critica não deve inquirir si o poeta é triste, mas unicamente si o soube ser. E quem ousaria negar a nobreza que unge a melancolia de seu estro ?

Poderia documentar copiosamente o meu asserto, e teria em fazel-o o prazer que todos sentimos á evocação de versos lindos.

Mas eu não estou escrevendo aqui a critica de seu formoso livro, e seria ridiculo que o pretendesse dentro das linhas fugitivas de uma carta.

Nesse espaço exiguo, porém, cabe sem duvida a minha admiração, e outra cousa não pretendo ao dirigir-lhe esta, sinão manifestar-lh'a na plenitude de sua grandeza e de seu ardor.

. . . . . .

CESAR NETTO.

..."Dentro da Noite" é um livro bem representativo do nosso lyrismo, profundamente nostalgico, triste e distillante de lagrimas a cada estrophe, languido, desanimado e sceptico, apesar de uns vagos tons de mysticismo e de aspirações para um deus impreciso e para uma vaga religiosidade.

Neste livro não se encontra uma pieguice amorosa; a alma do poeta está perennemente em extasis perante a sublimidade da natureza, esmagada pela grandiosidade uniforme e assoberbante das nossas paizagens, tristes pela imponencia das suas aguas, pela escura profundidade de seus verdes mares, pelo silencio sombrio de suas florestas, pela incomparavel transparencia do azul do céo.

Um pantheista assim não póde ser alegre; a alma das coisas que o cercam e o inspiram é triste, profundamente triste, como o eterno enigma da vida e de sua finalidade.

FABIO LUZ.

. . . . . .

A melancolia é a nota caracteristica deste livro. *Dentro da Noite* é a producção de um contemplativo, triste até o pessimismo, e eivado de preoccupações mysticas. A este respeito, o soneto *Entre ruinas* é typico, pois nos mostra o artista entre os muros sombrios de uma cidade em escombros, a rezar assombrado, dentro de um scenario de horrores, em meio aos uivos da ventania e aos soluços das corujas agoirentas.

Ventura ephemera termina com os seguintes versos:

"E a saudade é tão triste, e tão funda e dorida,
que eu sinto, dentro da alma, o atro arrependimento
de ter sido feliz um momento na vida..."

No soneto *Mêdo,* o poeta, depois de declarar que não sabe dormir ouvindo os gemidos do vento nas frestas do tugurio, como quem anda, lá fóra, a chorar em extranhos funeraes, escreve:

"E tanto me perturba esse augurio sombrio
que abro os olhos na treva, hirto de mêdo e frio,
no temor de que eu durma e não acorde mais..."

A affeição de Cassiano Ricardo a ideias tristes requinta-se no soneto *"Ouvindo a Marcha Funebre de Chopin"*. A' musica do mestre, irrompem pela alma do

poeta a tristeza, a saudade, a lagrima, a agonia. O artista fecha o seu trabalho com este terceto macábro:

> " E vindo não sei de onde, e caminhando a esmo,
> sob a minha visão extatica e profunda,
> passa funebremente o enterro de mim mesmo... "

Estas referencias bastam a salientar que Cassiano Ricardo tem a sua nota. Elle a exprime de varios modos: ora dá-lhe a suavidade de uma tristeza vaga; ora reveste-a com as roupagens de um desanimo indefinivel; ora pinta-a com as côres do pessimismo que, todavia, não desce nunca do lamento á blasphemia.

Joaquim Nabuco dizia que a obra de quasi todos os escriptores se resume em algumas paginas. Ser um grande escriptor, affirmava elle, é ter uma nota sua, distincta, e uma nota ouve-se logo, pois o escriptor não póde sinão repetil-a.

De onde resulta essa nota? Ella provêm da raça, da hereditariedade, do meio e da educação a cujos influxos o escriptor se formou. Siga, pois, cada um a sua tendencia. Si aquellas forças mysteriosas lançaram no mundo um homem melancolico, que, á maneira de Christovam V, do conto *La Chemise,* de Anatole France, pode exclamar: tenho constantemente vidros negros diante dos olhos e, sob as cartilagens de minhas costelas, sinto um rochedo onde se assenta a Tristeza — si esse homem, contrariando a sua natureza, se mette a dizer coisas alegres, a celebrar a força, a esperança, o optimismo, certamente, em vez de commover, provocará froixos de riso.

Cultive Cassiano Ricardo a sua nota e tome como modelos os gigantes que a melancolia deu á historia da poesia e da prosa: Chateaubriand, Lamartine, Byron, Musset, Antonio Nobre, Casimiro de Abreu, Machado de

Assis e tantos outros, sobretudo os brasileiros, que de seu natural são hypocondriacos.

Tudo está em produzir aquellas poucas paginas a que se referia Joaquim Nabuco.

A melancolia tem a sua belleza, que ha de ser traduzida pelos eleitos que saibam sentil-a.

Já o velho Castilho, ao traçar o retrato da poetisa Francisca de Paula Possolo da Costa, em *Vivos e Mortos,* exclamava: "Fôra em todo o tempo uma das suas qualidades, e até uma das suas graças, um genero de melancolia que em meio dos maiores gostos a salteava; ella lhe temperava o riso, lhe embrandecia a voz e o dizer; filtrava-se e expirava-se por todas suas acções; em meio do povoado lhe creava soledades, e nas soledades campestres paraizos. Chamam-lhe *achaque* ou *sina* de tristeza os que a não experimentaram; sendo que se ha neste mundo trata e conversação com outro melhor, e no valle das lagrimas uns longes de ante-gostos de Bemaventurança, só os alcançam os melancolicos, que o não dizem".

Certamente, Cassiano Ricardo está em condições de dar-nos as poucas paginas em que a sua nota pessoal vibre apurada, sonora e definitiva. Elle será então um poeta que buscaremos nos nossos momentos de desanimo e de saudade, assim como, nos fugaces minutos de alegria, procuramos os artistas celebradores do riso victorioso.

. . . . . .

Quem compõe sonetos como o *Céo e mar, A cegonha, Occhi tristi, Canto de sereia, A uma concha, Jornada perdida, Louco!;* quem firma composições como a que abre a *Visão do Poente,* cuja estrophe quarta é bellissima, póde considerar-se um artista de raça, merecedor dos mais francos applausos.

ARMANDO PRADO.

...O joven poeta, desde a primeira pagina, escripta dolentemente ás horas de um crepusculo silencioso, vae derramando a sua tristeza através da obra, em estrophes meigas e crystallinas. E a sua melancolia, incessante, progressiva, aqui se mostra concentrada numa lagrima occulta, alli num soluço reprimido na garganta, além num ai que solta indiscretamente, na conjuncção de um casal de rimas.

Dentro da Noite é um bom livro. Revéla uma intelligencia de escol, um temperamento vibratil, uma alma sonhadora, um verdadeiro poeta. Cassiano Ricardo, apesar de uma vaga monotonia que ascende das suas longas estrophes, é innegavelmente um dos mais brilhantes espiritos da sua geração.

NUTO SANT'ANNA.

...Cassiano Ricardo escreve os seus versos inspirado nas suas proprias impressões. Muito raro é encontrar-se nas suas rimas a vaga lembrança de um poeta que o suggestionasse — o que é uma grande virtude.

E' o cantor do silencio. E para falar-se do silencio, "esta eloquencia muda com que falamos ás coisas divinas", como numa velha phrase, é preciso muito talento.

Para o joven poeta paulista, o meu intenso louvor.

Dessa noite maravilhosa, borrifada de luz, aromalissima da alma das rosas, cheia da paz elegiaca do silencio, cheia do encantamento das suas emoções, que este livro fez passar diante dos meus olhos, guardo uma lembrança indelevel, — como si eu trouxesse dentro do coração as queixas amortecidas de uma serenata languida, os écos dulcissimos de um viatico de amor.

EDVARD CARMILLO.

...é a revelação de um verdadeiro poeta. Os seus versos me agradaram muito, não só pela elevação dos pensamentos como pelo brilho das imagens. Nóto a felicidade com que fecha todas as composições: a ultima impressão é a que fica, dizia Victor Hugo.

O meu caro poeta, revelando muito senso esthetico, diz tudo com muita naturalidade e ao mesmo tempo com elegancia. Continúe nesse tom, que é o dos grandes poetas. Entre nós, Bilac e Gonçalves Crespo são tão queridos por serem naturalmente simples. Vicente de Carvalho é outro exemplo.

Garcia Redondo achou os seus versos tristes. Não ha versos tristes nem alegres: ha versos bons e maus, e *Dentro da Noite* é indubitavelmente um livro de versos excellentes.

GUSTAVO TEIXEIRA.

...Gostei francamente do seu livro. Por todas as paginas senti espalhado um grande sopro de inspiração e uma grande emotividade. Ha paginas verdadeiramente suggestivas, o que quer dizer que o seu livro é muito bom.

Ser melancolico não é defeito; defeito, e irremediavel, seria seguir o conselho do autor da "Salada de fructas": rir numa pagina e chorar na outra, pois seria um livro sem unidade e sem sinceridade, dando a impressão banal das joias falsas. Cada poeta tem a sua organização e a sua tensão psychica, e pode-se ser grande poeta, indo desde a alegria de Tolentino até á morbida tristeza de Casimiro de Abreu...

A questão toda está, não nesses detalhes de tristeza ou de alegria, mas num ponto unico: ser poeta, e o meu caro amigo o é.

ALFREDO DE ASSIS.

3.5 00

23960